

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

**ALESSANDRA SPERANZA LACAZ**

**PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES:  
JOVENS E RESISTÊNCIAS NO CONTEMPORÂNEO**

**VITÓRIA**

**2012**

**ALESSANDRA SPERANZA LACAZ**

**PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES:  
JOVENS E RESISTÊNCIAS NO CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Coelho Heckert

Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Mendes Lima

**VITÓRIA  
2012**

**ALESSANDRA SPERANZA LACAZ**

**PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES:  
JOVENS E RESISTÊNCIAS NO CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Institucional, defendida e aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO**

---

**PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> ANA LÚCIA COELHO HECKERT**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientadora

---

**PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> SILVANA MENDES LIMA**  
Universidade Federal Fluminense  
Co-orientadora

---

**PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> GILEAD MARCHEZI TAVARES**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro interno

---

**PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> MARIA LIVIA DO NASCIMENTO**  
Universidade Federal Fluminense  
Membro externo

## DEDICATÓRIA

*Dedico esta dissertação ao meu irmão Bruno, músico, violoncelista, que há anos está longe, mas que, de alguma forma, reencontrei todos os dias em que estava na Grotta, ao ouvir os instrumentos fazendo o vento virar melodia.*

## AGRADECIMENTOS

*Em primeiro lugar, agradeço aos anônimos que me ajudaram a compor a escrita dessa dissertação mesmo sem saber. A todos aqueles com quem cruzei nos ônibus, nas ruas, nos bares, que me fizeram pensar, que fizeram com que eu me incomodasse com uma vida estanque, com as misérias do mundo que vivemos e com discursos prontos. Mesmo as palavras e as cenas mais duras foram transformadas em força para a construção das análises aqui empreendidas.*

*À Silvana, rosa rubra que me acolheu com seu coração de mãe, no meio dos passos já dados nesse mestrado, abraçando minhas angústias, minhas questões, minhas idéias. Parceira que admiro e que agradeço imensamente por ter conseguido orientar meus devaneios e dificuldades com toda delicadeza que lhe convém. Pelos apertos na hora certa, por ter permitido que essa pesquisa engrenasse, por todo trabalho e preocupação que dei.*

*À Ana, que teve a destreza de sempre ser franca comigo e que, desde antes do mestrado, já provocava em minha vida acadêmica inúmeras turbulências, mesmo que apenas através da leitura de seus textos sobre educação. Agradeço pelos desvios produzidos, que me fizeram encontrar nesse percurso potências indizíveis na vida comum. Tais desvios se rearranjaram e operam hoje uma outra psicologia que me atravessa e me compõe.*

*À professora Maria Lívia do Nascimento, pela aliança importante tecida desde os tempos da graduação até hoje, pelas indicações de leituras, livros e teses emprestados, pelo apoio e tempo dedicados a me ajudar e pela disponibilidade de sempre.*

*À professora Gilead Tavares, pelas aulas, textos e intervenções através de uma parceria sempre possível no mestrado. E por ter aceitado compor a banca para este trabalho.*

*À Soninha, mais do que secretária do PPGPSI, que esteve sempre disponível para auxiliar nas questões burocráticas do mestrado. Pelos cafés regados a muita conversa na secretaria e fora dela, pelo carinho e delicadeza.*

*Às amigas Williana e Patrícia, companheiras de mestrado, de muitas conversas, de muitas trocas. Agradeço pelas broncas, pela força, pelos abraços, pelos poemas, pelas lágrimas e gargalhadas compartilhadas nesse caminho e, principalmente, pela inspiração que a presença de vocês, mesmo silenciosa, fazia borbulhar em mim. Amigas que o mestrado me deu, flores que levarei pro resto da vida.*

*Aos meninos da Grotta, que tornaram possível este trabalho, sempre contribuindo abertamente para as conversas, interferências, sugestões. Que me contagiaram com a beleza de suas histórias, de suas vidas, de sua música. Por todos os “sacodes” que levei estando lá, fazendo estremecer minhas verdades.*

*Ao grupo de pesquisa da UFF, meninas preciosas, pelo acolhimento indescritível, pelas discussões, pelas “viagens” e poesias.*

*A meu pai, que me ensinou sem saber que a vida é sempre maior do que a gente pensa. Agradeço pelos sussurros ao pé do ouvido sobre Allende, Fidel e Che, que permeavam sempre seu discurso no Direito e seu modo de estar no mundo. Por poder compartilhar com ele essas intensidades das lutas.*

*À minha mãe, por sua delicadeza e companheirismo, pelas palavras de força, por estarmos sempre ao lado mesmo longe uma da outra, pelas correções de português, por me apresentar Leminsky em tempos difíceis, por seus sorrisos que sempre me aliviam. E por seus ouvidos e afagos, que sempre alugo quando podemos nos encontrar.*

*Aos doces amigos Éllen, Élide, Thalita, Daniel e Camila, família de Niterói, companheiros de estripulias, de casa, de lutas; amores da e para a vida que acompanharam muito de perto esse processo de escrita, me acolhendo nas ausências e presenças na nossa casa. Pelos colos, pelos cafés de madrugada, pelas trocas, pelos almoços juntos, pelo “viver cada dia”, pelas conversas até tarde, pelo carinho nos dias difíceis e por termos, nalgum momento da vida, feito com que nossos caminhos se cruzassem.*

*Aos amigos Felipe Salgado, Francys Vasconcellos e Renan Moreno. Pelo carinho e atenção indescritíveis, pelo cuidado e força nas horas de desespero e por insistirem em me tirar de casa.*

*À tia Neninha, que acompanhou de perto os percalços deste mestrado, dando sempre palavras de incentivo e colocando meus ânimos pra cima. Pelos cafés até tarde na cozinha da casa da vovó, pelo otimismo, pelas noites em que tive que dormir pelo Rio, pelas ligações e pelo apoio.*

*À minha avó Myrian, que faleceu em fevereiro de 2011, porque sou constituída também de suas músicas ao piano, brincadeiras, risadas, besteiras que sempre alegravam o ambiente, mesmo quando já doente. Pela falta que ela faz quando não está na sala quando chego em Miguel Pereira e pela saudade que fica pra sempre.*

*À minha avó Maria, em coma desde novembro de 2011, pela força em resistir mesmo aos 97 anos de idade, dando sempre sinais de que a vida insiste quando a existência vale à pena, ainda que esteja por um fio.*

*À Lizete, lindo encontro que a vida me proporcionou através deste mestrado, pelo acolhimento de uma desconhecida em sua casa, me tratando com todo carinho, pelas longas conversas, por todos os deliciosos almoços, pela confiança e pela amizade que daí floresceu.*

*Ao grupo de (des) orientação giraia-laborde – mais especialmente Lud, Gil, Marcel, Suzana, Cleilson e Clever –, pelos encontros regados a muito carinho, acolhimento, companheirismo e intervenções. Pelas viagens que fizemos, mesmo sem sair da sala, pelas histórias engraçadas e pelas trocas sempre possíveis.*

*Às queridas Marcelle, Michelle e Mohana, que compreenderam todos os momentos em que eu não podia sair para terminar a dissertação e que comemoraram comigo as conquistas mais recentes.*

*Aos queridos colegas da turma IV, pelas trocas potentes fosse em sala de aula ou virtualmente.*

*À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa durante os dois anos de duração do mestrado.*

*“É no ínfimo que eu vejo a exuberância”*

Manoel de Barros

## Resumo

Nesta dissertação, buscamos colocar em análise os modos de vida de juventudes periféricas na constituição de forças de resistências que têm se dado no contemporâneo. Retirando a noção de resistências de um lugar oposto ao poder para pensá-la como criação e, portanto, numa relação cada vez mais intrínseca com as forças de captura do poder hegemônico, transitamos entre experiências tecidas em meio às produções que marginalizam os modos de vida nos territórios periféricos e à invenção de existências possíveis no encontro com a arte. Para tanto, nos aliamos às ferramentas da pesquisa-intervenção e estivemos em contato durante um ano com uma organização não-governamental localizada na Grota do Surucucu, em Niterói/RJ, que tem como matéria-prima a arte, mais especificamente a música. No encontro com estes jovens, integrantes do projeto, pudemos nos misturar com aquilo que, nas singularizações produzidas por eles em seus cotidianos, em suas histórias e também no encontro com a música, faz pulsar a vida como potência de diferir em meio às articulações, muitas vezes perversas, do biopoder.

**Palavras-chave:** juventudes, devir periférico, resistências, terceiro setor e arte.

## **Abstract**

In this thesis, we seek to put in question the ways of life of peripheral youths in the constitution of resistance forces in contemporary. Removing the notion of resistances from an opposite place in relation with power to think of it as creation and, therefore, in an increasingly intrinsic relationship with the forces of capture from the hegemonic power, we traveled between experiences woven among the productions that marginalize modes of life in the peripheral territories and the invention of possible stocks in the encounter with art. Therefore, we covenant to the tools of intervention-research and we were in touch, for a year, with a non-governmental organization located in Grota do Surucucu, in Niterói / RJ, that works with art, more specifically music. Meeting these young people, members of the project, we were able to mix ourselves with what, in singularizations produced by them in their daily lives, in their stories and also in their encounter with the music, makes life pulse as potency to differ among the joints, often perverse, of biopower.

**Keywords:** youths, becoming peripheral, resistances, third sector and art.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
Ao leitor	18
Entremeando resistências	19
Juventude em mosaicos	26
<b>CIRCULANDO PELO ESPAÇO CULTURAL DA GROTA</b>	<b>30</b>
Apresentando	30
Um breve ensaio sobre narrar histórias	34
Entreouvindo histórias	35
Outras questões importantes sobre o funcionamento do ECG	38
<b>POEIRAS DAS RESISTÊNCIAS NA CURVA QUE O VENTO FAZ</b>	<b>42</b>
Poder e resistências	42
Império e multidão para pensar a relação entre poder e resistências	47
Devir periférico	51
<b>ENTRE UMA PERIFERIA MARGINAL E UMA PERIFERIA CRIADORA</b>	<b>58</b>
Analizador de uma periferia tornada marginal: as chuvas de Niterói	58
Juventudes periféricas, mídia e produção de subjetividade	60
Juventudes periféricas e terceiro setor: uma nova filantropia?	67
Juventudes periféricas: o que é ser menino de projeto?	77
<b>“A ARTE NÃO SERVE PARA NADA”:</b> UMA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA	<b>82</b>
A profissionalização dos jovens: um convite à captura?	88
<b>SEM MEDO DE CONCLUIR</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>97</b>

## Introdução

*Vamos cravar nosso olhar mais além da infâmia, para antever outro mundo possível...* (GALEANO, 2009)

Dissertar, escrever, anotar, registrar, vibrar, conceber, inventar, viajar, ocupar... Tantos e mais tantos verbos dão pistas sobre como foi o processo de construção dessa dissertação, indicando os movimentos com que esta pesquisa foi se encontrando neste percurso. Ao longo da feitura deste texto, fomos nos aproximando, a cada nó, a cada ponto, a cada rabisco no papel, do tema que nos propusemos discutir: jovens e resistências no contemporâneo.

Tivemos, como vetor na construção dessa dissertação, as resistências cotidianas de jovens que vivem na periferia, em meio às peculiaridades vividas no estado do Rio de Janeiro atualmente. Experimentando processos de pacificação das favelas na capital do estado, em especial as que se concentram na zona sul e centro da cidade, interferências de diferentes naturezas (social, política, estética, entre outras) perpassam estas regiões periféricas, inclusive do outro lado da Baía de Guanabara. Na cidade de Niterói, que ocupa um dos primeiros lugares no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil<sup>1</sup>, alguns territórios periféricos desaparecem frente à visibilidade que a grande cidade vizinha ganha em seus embates cotidianos. Embates estes acerca das pacificações, dos projetos sociais, da presença do tráfico, das lutas por direitos humanos, e assim por diante.

Em meio aos mais diversos regimes de invisibilidades e também de visibilidades (FOUCAULT, 1987) definidos pelos meios midiáticos dominantes, daquilo que consideram importante mostrar ou omitir, consideramos fundamental, por meio deste estudo, nos aproximarmos de jovens que residem em áreas periféricas da cidade de Niterói e que são alvos de um projeto social que traz como matéria-prima de trabalho a arte musical. Nosso intuito consistiu em acompanhar o modo como esses jovens,

---

<sup>1</sup>Segundo o site do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD), Niterói ocupava, em 2000, a primeira colocação no ranking entre os municípios do estado do Rio de Janeiro, ultrapassando, inclusive, a capital. Niterói obteve um IDH de 0,886, considerado alto. Comparada ao restante dos municípios no país, Niterói ocupa o terceiro lugar no IDH do Brasil. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/IDH/DH.aspx>>. Acesso em: 12/01/2012.

em seus processos de convivência coletiva e de aprendizagem da música, criam maneiras de viver e de combater uma dimensão do periférico<sup>2</sup> que insiste em colocá-los no lugar de inúteis, de possíveis criminosos, de vítimas, entre outros contornos.

Para tanto, tratamos de nos misturar com os trabalhos desenvolvidos por uma Organização Não-Governamental (ONG) situada no bairro da Grota do Surucucu, em Niterói/RJ. Esta ONG, chamada hoje de Espaço Cultural da Grota (ECG), ensina música às crianças e aos jovens que, principalmente, residem naquela localidade.

Para adentrar nesta ONG, nos incorporamos à pesquisa “Juventudes Periféricas: uma análise de perspectivas educativas no âmbito das iniciativas públicas e privadas na cidade de Niterói”<sup>3</sup>, que vem sendo desenvolvida na Universidade Federal Fluminense (UFF) desde 2008. Por meio deste grupo, pudemos nos aproximar das atividades da ONG e esta aliança possibilitou a criação de corpo e chão para a realização das análises aqui empreendidas. Ambas as pesquisas estiveram, portanto, misturadas entre si e alinhadas com as ferramentas da Pesquisa-Intervenção.

Em aliança com as contribuições da Análise Institucional, a pesquisa-intervenção emerge como um instrumento que nos possibilita interrogar os múltiplos sentidos cristalizados nas instituições.

Como prática desnaturalizadora, o que inclui a própria instituição da análise e da pesquisa, as estratégias de intervenção terão como alvo a rede de poder e o jogo de interesses que se fazem presentes no campo da investigação, colocando em análise os efeitos das práticas no cotidiano

---

<sup>2</sup> Quando nos referimos a essa dimensão do periférico, um dos principais vetores de análise nesta dissertação, não estamos tratando de uma dimensão da periferia tratada como exclusão, mas aludimos à possibilidade de constituir, numa condição periférica, forças de invenção de outros modos de existência que, de alguma forma, criam um embate com os modos de vida dominantes. Assim, não estamos opondo centro à periferia, mas afirmando que o capital opera processos de “perifericização” concomitante à produção de centros. Essa operação ocorre de forma fluida e temporária. Quando tratamos, contudo, de escolher esse termo, quisemos evidenciar uma dimensão de coexistência entre uma periferia produzida como marginal e uma periferia criadora em diversos aspectos, que serão explorados de forma detalhada mais adiante.

<sup>3</sup> Trata-se de um grupo de pesquisa que conta com alunos e ex-alunos do curso de graduação em psicologia e que busca dar visibilidade a experiências que vem enfrentando e criando alternativas aos embates vividos por uma juventude periférica quanto aos modos de vida vigentes. Desde então, este grupo acompanha as atividades do ECG e participa da sua rotina de projetos e atividades. Essa pesquisa é coordenada pela professora doutora Silvana Mendes Lima, co-orientadora desta dissertação.

institucional, desconstruindo territórios e facultando a criação de novas práticas. Procedemos, desse modo, à crítica ao estatuto da Verdade, interpelando o poder das teorias, das organizações e das formas constituídas no que tange ao conhecimento e às relações sócio-institucionais, frente à realidade complexa e diferenciada (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 68).

A pesquisa-intervenção rompe com um modo de fazer pesquisa, em geral pautado em categorias, como a objetividade, a neutralidade científica e a precisão metodológica, deixando que ganhe evidência o percurso, isto é, o acompanhamento dos processos em jogo no andamento da pesquisa.

No sentido aqui proposto, o campo é tomado concomitantemente como campo de intervenção e de análise, em que o processo de se pensar sobre o tema desloca-se para um pensar junto com o campo e na relação que se tem com ele.

Partindo dessa ideia, podemos colocar em análise os diferentes planos que, no caso dessa pesquisa, se construíram a partir das diversas práticas, ações e lugares: no programa de mestrado, nos rascunhos do diário de campo, nas anotações das aulas, nos encontros com os jovens, nas conversas de corredor, nas poesias lidas, nos intervalos das leituras acadêmicas, nos sorrisos e nas lágrimas proporcionadas pelos desvios que o corpo foi fazendo nesse percurso, e assim por diante. Não se trata somente do trabalho final, das supostas conclusões ou inconclusões, do pronto e acabado, mas, principalmente, dos processos que fizeram dessa trajetória uma pesquisa com seus muitos hibridismos, a começar pelos da própria pesquisadora.

A pesquisa é também, nessa medida, cartográfica, já que buscou acompanhar os desenhos das paisagens psicossociais e seus movimentos de transformação próprios à construção coletiva de um projeto com uma juventude periférica. Desse modo, a cartografia

[...] acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos (ROLNIK, 1989, p. 15).

Trabalhamos, assim, atentos ao plano que denominamos micropolítico, no sentido de compormos com aquilo que se passa no campo das virtualidades. A dimensão

micropolítica é tecida pelas intensidades, pelo invisível e pela analítica da formação do desejo<sup>4</sup> no campo do social, não se situando, portanto, num plano das representações, mas no nível das produções de subjetividades (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Do mesmo modo, estivemos atentos aos processos macropolíticos em que a problemática da juventude se situa na sua relação com o campo social. Vale ressaltar que as dimensões macro e micro não devem ser compreendidas como antagônicas, mas, ao contrário, elas estão intimamente ligadas, embora apresentem diferentes lógicas. Assim, a dimensão micro se refere ao processo de constituição das formas de realidade, estando essa realidade em vias de se desfazer, como também, de se instituir e, ainda, de se desterritorializar.

Portanto, como afirma Guattari (2005), as questões micropolíticas, que dizem respeito à análise das formações do desejo no campo social, são, ao mesmo tempo, usando outras expressões do autor, molares e moleculares. O mais importante é analisar aquilo que atravessa ambos os níveis, ou seja, sua transversalidade<sup>5</sup>.

Tratando-se deste modo de pesquisar transversal, também incorporamos a esse processo as imprevisibilidades que, durante o período de construção desta pesquisa e de escrita da dissertação, bem como do encontro com o campo, nos colocaram numa condição de pesquisar em meio a indeterminações do contemporâneo. Na aproximação com experiências que encontram no campo da arte uma máquina de combate à marginalização dos modos de vida periféricos, nos aliamos a forças que engendram a invenção de novos modos de pensar o jovem e a pobreza no contemporâneo, isto é, naquilo que lhes é cotidiano, presente e devir. Trata-se de abrir um campo de possíveis<sup>6</sup>, sustentando um plano de imprevisibilidades que traz

---

<sup>4</sup> O desejo como produção, para Deleuze e Guattari (2011), é sinônimo de máquina, daí o termo máquinas desejantes. O uso do termo máquina visa marcar justamente a engrenagem do desejo em contraposição ao estruturalismo que o confina. Refere-se a uma máquina de produção social fluida e que produz diferença. Consiste, todavia, num estudo do desejo como excesso, posto que ambos os autores combatem a associação da noção de desejo como falta.

<sup>5</sup> O conceito de transversalidade formulado por Guattari (2005) é um princípio operador que se apresenta por índices de abertura ou fechamento dos grupos e das situações institucionais concretas em termos de expressão coletiva do desejo, sendo essa expressão do desejo considerada ao mesmo tempo política-social-econômica-afetiva.

<sup>6</sup> Estamos chamando de campo de possíveis aquilo que, a partir dos estudos da micropolítica, pode ser entendido como uma dimensão das forças potente à invenção de outros modos de vida. Diferencia-se, portanto, do plano das representações, em que se trata de uma escolha entre possibilidades já realizadas, postas. O campo de possíveis é indeterminado e indeterminante. Nesse sentido, convoca forças em movimento à constante criação de novas e imprevisíveis formas.

o tempo em sua abertura constituinte.

Aproveitando-nos dessa concepção de contemporâneo, buscamos pinçar algumas linhas presentes nos embates que uma condição periférica produz, de modo a trazer alguns vetores presentes no campo micropolítico, destacando seus deslocamentos (os possíveis) e os novos sentidos daí derivados, já que:

[...] o contemporâneo é marcado e afirmado em sua incompletude e em sua vibrátil potencialidade; afirmado como esse meio em que experimentamos o devir outro que nos constitui [...] Esta incompletude se constitui como “o fora” dos extratos, ou seja, como condições que possibilitam a experimentação do que escapa da arregimentação da história nos interstícios dos dispositivos de saber, poder e subjetivação que nos constituem e constituímos, no entre da história e do devir. E é neste entre que é preciso fazer a história do presente – perpassando pelo que foi e pelo que será – lá onde “as forças perseguem seu devir mutante” e nos possibilitam fazer história para, nela e dela, desviar, produzindo diferença (NEVES, 2002, p. 18).

Apesar de entendermos que o contemporâneo é também composto de processos constituídos e formas prontas, insistimos em marcar o que nele é remetido à criação: a dimensão do que está acontecendo, do que está se transformando e, portanto, daquilo que está em vias de diferir. É um potente espaço-tempo de lutas que coexiste com a construção do presente, constituindo, assim, nossa aposta.

Experimentamos, com os jovens da Grota, transitar em meio aos riscos dos deslocamentos e desestabilizações imprevisíveis que apareceram do e no campo, procurando desviar das arregimentações do poder, constituídas como verdades absolutas, e nos misturar com as criações de outros modos de estar no mundo.

Nesse sentido, as resistências não poderiam estar no lugar endurecido em que comumente se encontram. Estamos entendendo, tal como Foucault (2009) sinalizou, as resistências como criação de outros modos de existir. Assim, na esteira do autor, escapa-se a uma lógica que restringe tais práticas de resistências a uma oposição às forças de um poder, tornado central. Quem cria resiste e criação é movimento constante de ideias, concepções, verdades, conceitos.

Estivemos, para isso, atentos às cadências menos óbvias das resistências, mas não

menos importantes, entendendo que, no contexto atual, são mesmo outras as configurações de forças que conseguem produzir rupturas com as relações de poder hegemônicas.

A fim de empreender tal discussão acerca das resistências e das juventudes periféricas no contemporâneo, abordamos, primeiramente, uma apresentação do Espaço Cultural da Grotá. Neste momento, intentamos situar o leitor com relação à história, à rotina e ao espaço físico do ECG, trazendo à tona particularidades que permeiam esta Organização. Posteriormente, sentimos a necessidade de aprofundar as noções de poder e resistência, circulando por alguns autores que discutem tais ferramentas conceituais. Exploramos, também neste momento, a ideia de um devir periférico como produção de resistências em meio ao cenário que vem se compondo nos territórios periféricos contemporaneamente.

Em seguida, tratamos das forças que constituem uma periferia permeada de produções marginais e também de criações, experimentando circular por temas que emergiram das conversas com os jovens na ONG. Entre estes temas, elegemos colocar em análise o lugar das mídias e da produção de subjetividades nas capturas e também nos escapes inventados por esta juventude periférica, a discussão sobre a emergência de um terceiro setor na economia e que vem atuando no âmbito dos projetos sociais e, ainda, os efeitos a partir do que é ser um menino de projeto.

Para pensar ainda as resistências, no capítulo seguinte nos utilizamos da frase citada por um dos coordenadores da ONG e também fundador da mesma – “a arte não serve para nada” –, para pensar sobre os efeitos de um projeto que tem a música como matéria-prima na produção de condições de trabalho, de desvios potentes e de ampliação do grau de transversalidade nas vidas destes jovens. Para isso, colocamos em análise também um recente desdobramento vivido pela ONG que é a profissionalização dos meninos, que vem aliando forças perigosas à constituição e passagem de devires minoritários.

Ao fim, concluímos esta dissertação tentando conectar as temáticas trazidas ao longo do texto e buscamos retirar a noção de resistência do lugar opositor ao poder, para afirmarmos a dimensão coexistente e híbrida entre essas forças.

## **Ao leitor**

Selecionamos, num primeiro momento, alguns pontos importantes a serem explicitados antes da imersão em nossas análises, com o intuito de que o leitor compreenda como pudemos construir e fazer uso do que, nos diários de campo e também nas falas transcritas dos jovens que entrevistamos, era potente para empreendermos a discussão acerca das resistências.

Os extratos das falas dos meninos e do diário de campo empregados ao longo da dissertação muitas vezes falam por si só e serão usados dessa maneira, resguardando sua potência. Não serão, assim, utilizados como citações acadêmicas, já que não o são. Essas anotações percorrem o texto a fim de trazer sua força e as singularidades que permeiam essas vidas, também no encontro com a pesquisadora durante a escrita e confecção deste trabalho.

Para diferenciar o que pertence às entrevistas do que pertence aos diários de campo, utilizamos uma configuração diferente no que concerne à borda do texto. Os diários de campo estarão em forma de bloco de notas em amarelo e as falas estarão com contorno ondulado. Ambos trazem para o texto a dimensão da experiência no encontro que tivemos, ao longo de cerca de um ano, com a ONG.

Os diários de campo eram escritos após ou durante as reuniões de equipe, depois das conversas de corredor, durante a espera sentada no pátio, imersa em pensamentos acerca do que afligia a temática desta dissertação, vendo um programa de televisão, no ônibus ou, ainda, quando chegava em casa. As falas estão misturadas entre as quatro entrevistas que obtivemos com jovens que fazem ou fizeram parte da Orquestra A da ONG. A maior parte deles integra o grupo mais antigo no estudo de música do ECG.

As entrevistas, apesar de terem constituído uma preocupação *a priori* com relação aos possíveis efeitos de individualização e privatização de questões que poderiam produzir, quando realizadas, mostraram-se mais coletivas que muitas conversas em grupo. O discurso dos meninos articulava histórias sobre a ONG e a Grota. Por isso, também não sentimos necessidade em identificar e diferenciar as falas, já que,

independentemente da procedência, estas falas não dizem de um jovem específico, mas de atravessamentos que perpassam muitos deles e a história da ONG.

Várias outras conversas se deram nesse período, quando íamos às reuniões da equipe ou da direção, e constituíram o diário de campo com importantes questionamentos que nos faziam adentrar no funcionamento da Organização. Além disso, muitas conversas aconteciam informalmente, fora de espaços estritos do trabalho. Desse modo, o próprio diário mescla falas de diversos meninos, da direção, professores, juntamente com análises e relatos de situações, discussões e questões que nos interessavam explorar.

Outro ponto diz respeito ao modo como denominamos o campo de pesquisa. Ora chamado de Grotta, ora de Horta, ora de Espaço Cultural da Grotta. As três nomenclaturas se referem não apenas a uma variação em termos de linguagem, mas identificam três modos diferentes de se aludir ao espaço em questão. Oficialmente denominado como Espaço Cultural da Grotta, mas referido como Horta pelos moradores e freqüentadores da comunidade, nos acostumamos, numa condição de estrangeiros e também de ex-estrangeiros, a chamar a ONG de Grotta. Desse modo, entendemos que tais designações falam das diferentes temporalidades e apropriações na construção desta organização que permeiam seu cotidiano e também este trabalho.

Feitos tais esclarecimentos, avancemos.

### ***Entremeando resistências***

*Não existem nas vozes que escutamos,  
ecos das vozes que emudeceram?*  
(BENJAMIN, 1985, p. 223)

Concomitantes ao andamento da discussão do tema das resistências com os jovens que conhecemos na Grotta, no período em que a pesquisa ganhava corpo e força, pululam ocupações, passeatas, greves, reivindicações e protestos de toda a ordem pelo mundo. Esta dissertação, então, começa a ser escrita num momento de

efervescência.

Movimentos emergem, fazendo com que centenas, milhares ou até centenas de milhares de pessoas saiam de suas casas e estejam ocupando as ruas. Cada qual com sua potência, com suas lutas, com suas bandeiras, mas trazendo, ainda assim, algo de comum: indignações. Como nos atenta Foucault (2004):

Se as sociedades se mantêm e vivem, isto é, se os seus poderes não são “absolutamente absolutos”, é porque, por trás de todas as aceitações e coerções, mas além das ameaças, violências e persuasões, há a possibilidade desse momento em que nada mais se permuta na vida, em que os poderes nada mais podem e no qual, na presença dos patíbulo e das metralhadoras, os homens se insurgem (FOUCAULT, 2004, p.77).

Na Espanha, a população foi às ruas pedir mudanças no sistema político espanhol. No Chile, os estudantes paralisaram o país por uma educação de qualidade. Os gregos também foram às ruas protestar contra a crise econômica. Em São Paulo, jovens marcharam pela liberdade, após terem sido reprimidos pela polícia em uma manifestação contra a criminalização da maconha. No Espírito Santo, o movimento pelo passe livre nos ônibus para estudantes levou mais de cinco mil pessoas às ruas. As reitorias da UFRGS<sup>7</sup>, da UEM<sup>8</sup>, da USP<sup>9</sup> e da UFF foram ocupadas pelo movimento estudantil. Nos Estados Unidos, jovens ocuparam a *Wall Street*, grande centro financeiro mundial. Isso tudo além de movimentos na Irlanda, Inglaterra, Egito e França. E tantos outros que, a cada momento, vão engrossando e fortalecendo os gritos que pedem possíveis outros mundos.

São movimentos não instituídos e nem relacionados diretamente com partidos políticos ou movimentos sociais, sem precedentes de bandeiras, mas difusos e compostos de pessoas que não querem viver em meio à configuração que a nossa existência tem adquirido de modo dominante. Em manifesto escrito para o Occupy Wall Street, Naomi Klein (2011) diz:

Ontem, um dos oradores na manifestação dos trabalhadores disse: “Nós nos encontramos uns aos outros”. Esse sentimento captura a beleza do que está sendo criado aqui. Um espaço aberto (e uma ideia tão grande que não

---

<sup>7</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RS).

<sup>8</sup> Universidade Estadual de Maringá (PR).

<sup>9</sup> Universidade de São Paulo (SP).

pode ser contida por espaço nenhum) para que todas as pessoas que querem um mundo melhor se encontrem umas às outras.

Aliados à facilidade de difundir informações fornecidas pela internet nos dias de hoje, em especial pelas redes sociais, tais movimentos foram ganhando proporções maiores e chamando a atenção da mídia e das pessoas em diversos lugares do mundo. Tal rede virtual se tornou um dispositivo de visibilidade daquilo que a mídia de massa não tem interesse em veicular, além de aproveitar seus efeitos de contágio em alta velocidade.

Num momento em que o capitalismo se reinventa e passa a operar por meio de uma economia cada vez mais imaterial e em rede, passa a gerar e a promover a circulação de fluxos de toda ordem (capital, informação, bens, serviços, pessoas) em sua lógica de acumulação. Com isso, as formas de poder se “nomadizam” e se tornam cada vez menos geograficamente localizáveis, exigindo que outras formas de resistência – igualmente nômades – sejam criadas (GONÇALVES, 2007, p.17).

Trata-se de resistências que não têm se dado necessariamente no plano dos movimentos sociais de natureza sindical, estudantil, entre outros, mas que os englobam. Visibilizam e afirmam resistências cotidianas, resistências muitas vezes silenciosas, não organizadas, mas que na sua própria desorganização fazem propagar ondas que compõem as lutas pela construção de outros mundos. Em nota circulada via internet sobre o Ocupa Rio<sup>10</sup>, Fábio Araújo (2011) diz:

O Rio foi contaminado! Os sintomas são claros: pessoas acampadas em praça pública experimentando novas formas de se organizar, de viver. A convergência de afetos e desejos que se catalizam em torno da sensação política de que *as coisas não têm nenhuma necessidade de ser como são*. [...] Se há algum saber, ele se faz ali, *in locu*. Porém, sem ingenuidade, o que já podemos afirmar é que estar lá e experimentar esse crescente traz alegria, energiza os corpos, a vida se acende e ascende. No sábado eram algumas barracas, na segunda, trinta, na quinta, cento e cinquenta... Conflitos se deram, conflitos se diluíram, porém a pulsão de encontro aumenta, se fortalece em cada nova troca; em cada nova conversa; em cada nova rodinha que surge com duas, três ou quatro pessoas e que em dez minutos já têm quinze ou vinte num debate de algo comum; em dicas que os moradores de rua dão de onde se banhar, de como fazer para ir ao

---

<sup>10</sup> O Ocupa Rio é um dos movimentos de ocupação das praças, ruas e cidades que têm sido feitos no mundo, inspirados no *Ocupy Wall Street*. Apesar da inspiração, em cada cidade que vive o movimento, singularizações são postas em jogo nos atos, bandeiras, reivindicações e discussões, a fim de colocar em xeque um discurso que desqualifica o movimento como se fosse uma cópia norte-americana. Aqui, a ocupação foi feita na Praça da Cinelândia, no centro da cidade do Rio de Janeiro, e conta com a presença de moradores de rua que, não só participam das conversas e atos, como também ensinam as pessoas que estão acampadas na praça algumas artimanhas sobre como se virar na rua (tomar banho, acender o fogo para cozinhar, etc).

banheiro; em viciados de crack que vêm pedir dinheiro e acabam envolvidos em discussões políticas com professores universitários. Potência do comum. Um vértice se abriu no Rio. Mas não se enganem! É ainda uma criança frágil, uma planta que acaba de nascer. Necessita de cuidados, carinho, paciência. Necessita de uma postura de amizade, pois forças muito críticas e violentas estão à espreita. Tomemos todo o cuidado para não nos tornarmos uma dessas forças, cuidado para não pisarmos numa muda que acaba de nascer.

Os acontecimentos em questão nos remetem aos conceitos-ferramenta Multidão e Império, desenvolvidos por Negri e Hardt (2000), muito caros à nossa discussão neste trabalho de pesquisa e que serão desenvolvidos de maneira mais detalhada adiante. Numa relação intrínseca ao que eles denominam de Império, isto é, uma modulação do poder cada vez mais abrangente e flexível, se engendra, igualmente, uma potência da Multidão.

Circulando, a multidão se reapropria de espaços e constitui-se como sujeito ativo. Quando examinamos atentamente como esse processo constitutivo de subjetividades opera, vemos que os novos espaços são descritos por topologias insólitas e irreprimíveis – por mitologias geográficas que marcam os novos caminhos do destino. Esses movimentos geralmente geram terríveis aflições, mas neles existe também um desejo de libertação que só é saciado pela reapropriação de novos espaços, em torno dos quais novas liberdades são construídas. Em toda parte a que chegam, e ao longo de seus caminhos, tais movimentos determinam novas formas de vida e cooperação [...] (NEGRI; HARDT, 2000, p. 421).

Segundo os autores, as forças da multidão sustentam e provocam o aperfeiçoamento das tecnologias do Império na medida em que se apropriam da potência de criação permanente da vida. A multidão se torna cada vez mais maquinal e, portanto, ativa. O termo que os autores utilizam para denominar essa característica do funcionamento da multidão é *posse*. No sentido de sua autonomia política e atividade produtiva, “posse é a máquina que costura conhecimento e ser num processo expansivo, constitutivo”. Inspirados pela filosofia espinosista, associam a posse ao sentido de *potência*<sup>11</sup>. “Posse é o que o corpo e o que a mente podem fazer” (NEGRI; HARDT, 2000, p.431). Outro trecho do relato de Fabio Araujo (2011) evidencia esta relação entre os acontecimentos dos últimos meses e o que

<sup>11</sup> Um dos modos de compreendermos potência, a partir da obra de Espinoza, é apontado por Fuganti (2001) quando afirma que “potência é uma capacidade real imanente à natureza. A potência se cola à capacidade que a própria natureza tem de se autossustentar, de produzir a si mesma e a todas as coisas. A potência está aí. Então a potência é algo autônomo e imanente, interno. O que é exatamente a potência? A potência é sempre potência de acontecer; ou sempre potência de se modificar; ou sempre potência de gerar diferença ou de diferenciar; ou sempre potência de multiplicar, gerar multiplicidades”.

Negri e Hardt denominam como multidão:

Uma jornalista, deixando transparecer toda a sua maldade midiática, pergunta: mas quem são vocês? O que querem? Para onde vão? Erro, erro, erro... Perguntas mal colocadas; armadilhas, não menos maliciosas, da identidade. O que está acontecendo na Cinelândia é uma resistência, uma luta, uma revolta, um levante, porém não nos moldes antigos. Nada de tomada das estruturas constituídas do poder, nada de reivindicações e demandas neuróticas de melhorias e reformas. O que se faz, o que já está sendo feito, o que não depende mais de autorização de nenhum Estado é a tomada de um outro tipo de poder: *a apropriação da potência*. A solidão e a opinião estão sendo ameaçadas pelo encontro dos corpos e por novas verdades políticas que surgem da experimentação comum. Multidão. Não, não há resposta pronta para a jornalista, ela então não sabe o que fazer com isso, o Estado não sabe o que fazer com isso, não se sabe o que fazer com isso, não se tem saber pronto para dar conta do que está acontecendo.

Remetendo-nos também a Foucault (2009), este afirma que as resistências são primeiras e, dessa forma, não constituem um contra poder em oposição ao poder hegemônico. Vemos que a vida cria, se diferencia, escapa, se desvia do Império a todo instante. Nesse sentido, arriscamos dizer que esses movimentos de resistência que têm emergido pelo mundo são “multitudinários” na medida em que têm produzido formas singulares de luta, em geral assumindo um funcionamento rizomático.

A constituição da multidão aparece primeiro como um movimento espacial que a constitui em lugar ilimitado. [...] Os tipos de movimento de indivíduos, grupos e populações que encontramos hoje no Império, entretanto, não podem ser completamente subjugados às leis de acumulação capitalista – a cada momento eles transbordam e despedaçam os limites da medida. Os movimentos da multidão designam novos espaços, e suas jornadas, estabelecem novas resistências. Movimento autônomo é o que define o lugar próprio da multidão (NEGRI; HARDT, 2000, p. 421).

Ao longo do período de aproximação com o campo de pesquisa, concomitante ao início da escrita desta dissertação, dos diários de campo e dos rascunhos no bloquinho sempre dentro da bolsa, a reitoria da UFF foi ocupada pelos estudantes e as reuniões com a pesquisa da graduação da psicologia, assim como muitas aulas, passaram a se dar no espaço ocupado pelos alunos. Era um novo itinerário que durou algumas semanas, entre assembleias no Diretório Central dos Estudantes (DCE), na reitoria, invenção de estratégias para permanecer no espaço sem causar danos físicos ao prédio, para arrumar comida, para ter luz e água, entre tantas outras. Acompanhei esse movimento dos estudantes, participando de diversas

atividades. Indo aos encontros, às aulas e às conversas em roda, fui me misturando àquele espaço: às pessoas, a alguns rostos que eu já conhecia, e a outros que conheci lá, ocupando aquele espaço, aquelas discussões que seguiam me povoando e povoando a escrita deste trabalho.

Reivindicava-se, além de muitas melhorias para a universidade e para/por o/um sistema público de ensino, a realização de um projeto urbanístico (que desapropriaria cerca de cem famílias moradoras do entorno do campus do Gragoatá<sup>12</sup>, além da creche da universidade).

Um menino diz que está emocionado e a fala começa a rodar de outra forma. Não há mais inscrições, não há ordem para falar: as pessoas podem trocar. A roda vai crescendo e um outro movimento vai sendo vivido por aqueles corpos. Entre arrepios e olhos cheios de água, um rapaz, meio nômade, meio estudante, fala que estava conversando com um amigo que está no exército e que este disse achar certo a polícia fazer o papel de reprimir os movimentos sociais porque assim se mantém a ordem. Ele, então, perguntou ao amigo: "que ordem?" O menino do exército não soube responder e algumas reticências interromperam o diálogo entre os dois. O menino continuou: "A ordem é alguns não terem comida, outros não terem casa, muitos estarem desalojados, alguns outros não terem trabalho? Essa é a ordem? Subversivo sou eu que luto por democracia? Eu não quero manter essa ordem", diz ele. Eu também não.

Era um movimento diferente, que não se organizava dentro dos moldes prontos que geralmente compõem as ações do movimento estudantil. Tinha outra cara, uma nova configuração. Ou uma desfiguração dos padrões do que eu conhecia dos movimentos de estudantes. As pessoas circulavam, se comunicavam diariamente por meio de redes sociais, blogs, folhetos, cartazes, cantorias. Chegavam alunos de vários cursos, de vários *campi*, integrando o coro que ali se formava.

---

<sup>12</sup> *Campus* onde são ministrados principalmente cursos da área de Humanas como psicologia, história, ciências sociais, filosofia, letras, pedagogia e serviço social.

[...] são as próprias noções de política, ativismo e arte que parecem ser redesenhadas. Tais redefinições permitem não apenas flagrar o surgimento de novas formas de produzir resistência, como podem talvez munir-nos com recursos para enfrentar os dilemas resultantes das mudanças que vêm ocorrendo na sociedade (GONÇALVES, 2007, p.03).

Lazzarato (2006) afirma que, a partir de 1968, os movimentos socialistas arraigavam sua ideia de liberdade na construção e concepção de um só mundo, oposto ao capitalismo, que se espalhava por todo o cenário político e econômico do planeta. Os movimentos pós-socialistas, no entanto, têm sua compreensão de igualdade pautada na condição de abertura a um devir<sup>13</sup>.

Os movimentos pós-socialistas não se desenvolvem segundo a lógica da contradição, mas da diferença, que não significa ausência de conflito, de oposição, de luta, mas implica uma radical modificação da própria ideia de conflito ou de luta em dois planos assimétricos (LAZZARATO, 2006, p. 204).

Nesse sentido, vemos não mais a anunciação de que novos modos de resistir estariam a caminho em meio às novas configurações do capital, mas que elas são contemporâneas à escrita deste trabalho. Esta dissertação é, portanto, povoada também por essas diversas vozes que fazem ecoar resistências no embate diário com as forças do Império. As lutas a favor do rompimento com esta lógica, que persistem em criar outras existências possíveis, se fazem presentes nas entrelinhas deste trabalho e são força motriz para a sua escrita, permeando as letras que aqui vão ganhando corpo.

Fazemos, então, uma aposta: a afirmação de outras forças neste jogo em que predominam as capturas do poder hegemônico. Preenchemos com muitas mãos nossa escrita a fim de que se produzam diferenças, fazendo alargar os espaços de construção de outros discursos, outras vozes, outros embates. Nós também não queremos mais do mesmo e sentimos que tais acontecimentos estão engendrados com o que procuramos evidenciar nesta dissertação: a afirmação de outras

<sup>13</sup> "Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais *próximas* daquilo que estamos em vias de tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. Esse princípio de proximidade ou de aproximação é inteiramente particular, e não reintroduz analogia alguma. Ele indica o mais rigorosamente possível uma *zona de vizinhança ou de co-presença* de uma partícula quando entra nessa zona" (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.68). É nesta direção que afirmamos que os movimentos pós-socialistas incorporam essa dimensão de processos de diferenciação que porta a aceção de devir trabalhado por Deleuze e Guattari. Tal ferramenta conceitual será trabalhada de forma mais detalhada no capítulo *Poeiras das resistências na curva que o vento faz*.

resistências possíveis no cenário contemporâneo.

Isso que Negri e Hardt (2000) definem sobre a multidão é tema também da Grota em seu cotidiano. Tais experiências, que se deram em meio ao processo de estar no campo e de início da escrita da dissertação, potencializaram esse processo de construção e pensamento.

### ***Juventude em mosaicos***

Alguns estranhamentos permearam o corpo desta pesquisadora ao se encontrar com o tema da juventude para a confecção deste trabalho. Por muitas vezes não soube o que era meu e o que era deles na mistura que pesquisa, pesquisador e objeto de pesquisa iam compondo. Inevitavelmente, apesar de afirmar o exercício da pesquisa-intervenção como fio neste processo, muitas expectativas foram tecidas *a priori* a respeito do que seriam as juventudes periféricas. Num primeiro momento, parecia que tais jovens tinham uma vida que não se cruzava com a minha, a não ser na medida em que me interessava estar com eles de um lugar de militante, de psicóloga social, de pesquisadora.

Desse modo, se compuseram, antes da entrada no campo, formas prontas, fôrmas sobre a vida na periferia, sobre as ONG's e, principalmente, sobre uma juventude periférica. Na primeira ida ao espaço, fui surpreendida no caminho entre o ponto de ônibus e o portão da ONG por uma cena: alguns homens cheiravam cocaína num beco. Ali ao lado, de onde já se ouviam os sons do violino, jovens, ou alguns nem tanto, compartilhavam um pó que não era da estrada. Inundada por discussões acerca do tráfico, da entrada da polícia nas favelas e das lutas dos movimentos de Direitos Humanos, minhas pernas, ali, titubearam. Eu pensava que entrar numa ONG que ensinava música clássica era romantizar uma realidade dura que era ali vivida. E esse encontro, sozinha no beco, fez com que eu entendesse que havia mais a ser dito sobre a vida na Grota. Para além do domínio do tráfico de drogas em tais territórios e da entrada da polícia com o pretexto de combater tal domínio, havia o som de flautas e violinos a ensaiar, evidenciando uma relação entremeada entre as tantas questões que perpassam e consistem os territórios periféricos.

Foi essa coexistência que passou a intrigar a pesquisa, uma coexistência muitas vezes silenciosa e, noutras vezes, conturbada ou barulhenta. O encontro com esses jovens e suas vidas, suas rotinas e suas questões fez com que, por muitos momentos, eu já não soubesse quando era pesquisadora, quando era jovem como eles, quando era psicóloga, quando era dona-de-casa, quando era professora, quando era quebra-galho. Tudo se misturava muito.

Depois de um tempo, pensei que pudesse ser um jeito meio labordeano<sup>14</sup> de estar na ONG. Nos momentos em que estava entre eles, era mais uma: trocávamos receitas de comida, tínhamos conversas sobre namorados, sobre gravidez, sobre trabalhos e sobre faculdade. Em alguns instantes, as questões que permeavam suas vidas se compunham também com as minhas preocupações. Em outros, eles falavam de outros meios, outras vidas, outras condições.

*Os meninos brincam de soltar cafifa e bola de gude. Não me lembro de ver nenhuma criança brincar disso nos tempos de hoje, ainda mais numa cidade como Niterói. Lembro que quando eu era menina, no interior, também fazia todas essas coisas como correr solta pela rua, ir no mato buscar a bola, jogar futebol descalça na rua de terra e catar vaga-lumes ou besouros. Existem singularidades, temporalidades diferentes que permeiam um modo de vida no território da Grotta.*

As medidas e fronteiras entre a minha juventude e as deles iam se decompondo. E, por muitos instantes, este corpo se desmanchava e ganhava outras formas. Com o tempo, algumas questões apareciam: o que eu, também jovem, tenho a dizer sobre eles? É possível falar sobre eles? Ia se tornando possível falar com eles, disso que os atravessa e me atravessa e disso que nos faz diferir. Disso que se mistura e

---

<sup>14</sup> A Clínica La Borde, localizada no vale do Loire, na França, tem uma experiência singular no trato com a loucura. Fundada em 1951 por Jean Oury sob a perspectiva da Psicoterapia Institucional, a clínica buscava aliar uma prática menos asilar e mais pautada na construção de autonomia e expressão criativa com os pacientes. Apostando na diluição dos especialismos, La Borde já teve como parte de sua equipe filósofos, sociólogos, psicanalistas, além de enfermeiros, médicos, artistas e psicólogos, todos exercendo funções diversas, não havendo uma distinção ou fronteira entre seus campos de saber. Essa forma transversal de funcionar, própria à La Borde, em que as fronteiras se tornam fluidas e produzem tantas outras configurações, é que nomeio como um jeito meio labordeano de estar no ECG, no caso de minha mistura com os jovens.

daquilo que é potente como produção de diferença<sup>15</sup>. Nessa mistura, há modos de vida diversos que se diferenciam e também se repetem neles e em mim. E essas diferenças, em distintos momentos, fizeram com que estereótipos atrelados às nossas verdades hegemônicas fossem rompidos.

Tanto nas entrevistas, como nas reuniões ou nas “conversas de corredor”, emergiam algumas situações que nos faziam deslocar do lugar de quem sabe sobre eles para a experiência de quem vive ali, uma dimensão que vai criando e dando corpo a singularizações.

Tratando-se de juventudes periféricas, nos questionamos acerca de como singularizações são tecidas nos modos de ser jovem que se confrontam com outros tantos modos de existir já delineados e de como somos atravessados por esse modo periférico de vida. E ainda, de que maneira ele nos faz romper com um ter-que-ser pronto, arrumado, ditado por nós e para nós.

*Minha saia rodada dizia que eu gosto de forró. Ele percebeu e pediu meu telefone para que pudéssemos marcar de ir à Lapa um dia. Nesse momento, eu não era só pesquisadora (como se isso fosse possível), eu não ocupava esse lugar, mas o de jovem, como ele, que frequenta os mesmos lugares, que vai a festas, que estuda, que procura alguém pra dançar. Minha saia rodada dizia muita coisa naquele instante. Ele era mais velho que eu uns quatro anos. Jovem ali era quem? Ele me entendia e dizia que sabia como são essas coisas de pesquisa porque também está na faculdade. Ele também faz faculdade, ele também, eles também...*

As experiências vividas pelo pesquisador, neste trabalho, se confundiu com as de seu objeto de pesquisa. Por isso também elegemos trabalhar com o periférico como devir, isto é, como uma força minoritária que atravessa e constitui não necessariamente e somente quem vive nas periferias, mas que compõe com a vida em suas formas hegemônicas, fazendo-a também estranhar-se.

<sup>15</sup> Diferença aqui não quer dizer o mesmo que diverso, entendendo que este último designa uma variedade de coisas já dadas, de formas prontas. A diferença, então, é aquilo que produz as formas, seria o desarranjo das composições arrumadas, constituindo um campo de variáveis infinitas e intensivas que não cessam de criar conexões (DELEUZE, 1988 apud HECKERT, 2004).

Ex-estranhos são agora esses meninos que vos apresento: em vida, em experiência, em gingados que são deles e meus também, que me constituem como periferia, como aquilo que em mim também faz pulsar como periférico. No entanto, jovens que, mesmo com tantos atravessamentos comuns, ainda colocam em xeque muitos aspectos da vida capitalizada e me provocam a pensar a periferia como produção de diferença.

## **Circulando pelo Espaço Cultural da Grotá**

### ***Apresentando***

Essa é a Grotá. Olha. Agora fecha os olhos, sente o cheiro. É cheiro de música. Sabe como é? É que nem cheiro verde, esse tipo de coisa que parece não fazer o menor sentido quando a gente pensa ao pé da letra, mas que faz todo sentido quando a gente não pensa.

Saltar do ônibus dá um certo frio na barriga porque o ponto é em frente a uma ladeirinha e não dá pra ver o caminho. Subindo, vai aparecendo uma paisagem: o morro ao fundo, cheio de casas com o tijolo aparente, parece pano de fundo da cena, mas se mistura com ela e, às vezes, rouba o papel central da imagem. Com o tempo, a gente vai chegando, olhando pro chão e esquece essa paisagem. Vale o exercício de subir respirando aquele ar diferente, vendo as pessoas, sentindo o ritmo de quem vive ali. São um tempo e modo de vidas outros.

A ladeira acaba e já se vê o Espaço Cultural da Grotá mais à frente, na rua: um muro amarelo, com umas coisas grafitadas. O portão está aberto e tudo circula dentro e fora, as pessoas que estudam ali, os que não estudam, os pais das crianças, as pessoas que vêm pra varrer as folhas que caem das árvores, outras que vão pra limpar as salas e os banheiros, os cachorros, as formigas, o pessoal que bebe no *trailer* ao lado, alguém que vai correndo pra usar o banheiro... As grades e o portão parecem não fazer efeito de entrave entre o espaço e a Grotá

Minuto a minuto, segundo a segundo, tudo acontece por lá. Polifonias. Ao sentar na arquibancada, dá pra ver pedaços do céu, entrecoberto pelos galhos das árvores altas. Os macaquinhos andam de um lado pro outro entre esses galhos. São folhas e mais folhas de amendoeira que vão caindo lentamente, plainando pelo ar. Sente-se o cheiro do café. E alguém começa a tocar um violoncelo lá em cima.

Mara está sempre fazendo alguma coisa. Correndo de um lado pro outro, arrumando alguma coisa, lavando uma louça, chamando a atenção de alguma criança, recebendo alguém, etc. Mesmo com o barrigão da gravidez. Ela me chama pra tomar um café.

Os meninos vão chegando pra aula de flauta e, do silêncio ao som do *cello*, as várias vozes e histórias começam a povoar o jardim. Os corpos das crianças vão ocupando os espaços, antes vazios, e produzindo turbulências no som. Nessas horas, tudo está vivo. O monitor vai chegando para dar aula e as crianças vão pegando suas cadeiras e estantes para colocar a partitura. O som da *Asa Branca*<sup>16</sup> vai se misturando com o do violoncelo, do vento nas árvores, dos carros passando lá fora. O silêncio se decompõe em música e embala o corpo de quem está ali.

As paredes do muro por dentro são grafitadas de histórias e vidas. Os desenhos falam de arte e favela, uma produzindo a outra. E, nos espaços que restam, existem quadros com fotos dos meninos. São fotos já um pouco antigas. Os meninos estão com as carinhas bem mais novas. Uma delas chama muito a atenção: três dos meninos estão de chinelo, bermuda, tocando violinos e violoncelo lá no alto do morro, numa casa apoiada em baldes, quase de pau a pique, que parece ter um cômodo. Não sei se os violinos contrastam ou se misturam com aquela paisagem de barro...

O som dos violinos e das aulas sobre a história da música e da cultura se embaralha com os chinelos, as roupas furadas, a rotina de trabalhar de flanelinha para “tirar um trocado”, de dormir no vizinho quando a mãe não chega, de às vezes não ter o que comer.

---

<sup>16</sup>Música de composição de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira que fala da seca no nordeste e da luta do nordestino ao abandonar sua vida, na sua terra, para tentar viver em outro estado. É uma das primeiras músicas que os meninos aprendem a tocar, ainda na flauta.

De repente chega um homem já de uns quarenta e poucos anos, cumprimenta a Mara e pega uma vassoura. No meio de toda essa cena ele começa a varrer as folhas do pátio. Fala sozinho. Às vezes acho que ele fala comigo.

Ninguém chama a ONG de Espaço Cultural da Grota, mas de Horta, isso porque o projeto começou sendo uma horta mesmo, no terreno onde se ofereciam oficinas de coisas diversas como jardinagem, plantas medicinais, entre outras. Um dia começou a ter aula de música e a horta deixou de existir, mas nunca deixou de ser a Horta para quem mora ali e também para quem a frequenta. Nós, da pesquisa, chamamos de Grota e, de alguma forma, fazemos confundir a comunidade e a ONG. Elas se confundem em seus modos de funcionar. Da mesma maneira como se vive lá, na Grota, se ocupa o espaço da ONG. É um modo meio sem cerca, sem portão de entrada e saída, de demarcação de território ou propriedade. É circulação.

Sai pra comprar açúcar e ví que as pessoas me olhavam como se eu não fosse dali. Eu não era mesmo dali, mas fiquei me perguntando se era a minha roupa, a minha cor, o meu cabelo, os meus óculos ou porque simplesmente lá todo mundo se conhece e eles não me conheciam. No mercadinho a mulher do caixa fala com uns meninos que compram verduras, perguntando como vai a mãe deles. Na hora de me atender ela fica bem mais séria. O mercado fica em frente à escola, que fica antes da curva, no fim da rua. A escola parece abandonada, mas sei que ela funciona. Passo por ali e tento olhar as coisas devagar, enquanto vou voltando. Respiro o ar pra sentir o cheiro.

As pessoas sentam nos batentes de suas casas e ficam ali, conversam sentadas em suas cadeiras colocadas na calçada, cumprimentam cada um que passa. No *trailer* ao lado da Horta, três senhoras tomam uma cerveja e conversam enquanto uma faz tranças no cabelo da outra. Algumas crianças brincam soltas no pátio da creche ao lado.

Os projetos do Espaço Cultural da Grotta funcionam no contraturno das escolas e tentam aproximar as outras crianças ali da Grotta. É um modo de ocupá-las enquanto os pais ou responsáveis trabalham até tarde. Lá o responsável pode ser também um vizinho.

Os macaquinhos continuam a pular de galho em galho, as folhas a cair lentamente, as flautas, violinos e violoncelos a tocar e a vida lá fora vai se misturando, urgindo para que alguma coisa mesmo se misture e crie outros tempos, outros sentidos, outras melodias.

Mesmo no calor, ali está sempre fresco e tem-se que levar um casaco. É sombra o tempo todo, feita pelas árvores altas. Dá para ver um coqueiro do terreno ao lado e às vezes surgem umas brechas de sol para ficar escrevendo o diário de campo. Volta e meia um dos meninos vem perguntar alguma coisa, comentar, pedir um afago, um beijo, chamar para brincar ou para ler alguma coisa. Alguns deles vêm perguntar sobre psicologia. Essas polifonias da vida, essa mistura e esse embalo contagiam. Ali me sinto meio professora, meio psicóloga, meio gari, meio coordenadora, meio recepcionista, meio mulher, meio jovem, meio aluna, meio macaca (cada hora num galho).

*O gari que vem pegar o lixo lá dentro (há umas lixeiras de lixo reciclável, daquelas coloridas) outro dia parou pra dizer que era músico e cantou um bolero que tinha composto. Às vezes ele entra e fica ali sentado, olhando o trabalho, ouvindo a música. Até o gari, pensei.*

Desse jeito meio sem planos as coisas vão acontecendo, nas entrelinhas. As histórias da Grotta vão sendo narradas, fio a fio, ponto a ponto, nó a nó, por seus protagonistas, por suas crianças, entremeadas no dia a dia daquele espaço e daquelas vidas. Estar lá foi o que permitiu que essa pesquisa fosse sendo tecida nas informalidades das conversas enquanto lia, esperando a reunião começar, trocando receitas, indo conhecer suas casas em churrascos nos fins de semana, entre tantos outros modos de estar lá e com eles. Entre tantas coisas que nem sei dizer quais ou quantas. Mas é entre, definitivamente é entre. Entressonhos, entreolhares,

entre(vistas), entrelaces, entremeios, entreouvidos, entreabraços, entregas, entretempos. Dessa maneira foi possível estar lá, pelo meio das crianças, das folhas, dos macacos, da música. Essa é a Grotta.

### ***Um breve ensaio sobre narrar histórias***

*Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. [...] o narrador, o que conta a memória coletiva, está todo brotado de pessoinhas (GALEANO, 2007, p.18).*

Cada dia a história é diferente. Depende da boca que fala e do coração que pulsa. Histórias que se montam e desmontam conforme a intensidade da memória. Compartilhamos com Walter Benjamin, em suas considerações acerca das narrativas, que a emergência do capitalismo faz mudar um certo modo de contar histórias. Se antes narrar algum acontecimento transbordava aos cerceamentos de uma história única e verdadeira, construindo e reconstruindo a história cada vez que ela era anunciada, os romances vão, posteriormente, ganhando espaço com sua unilateralidade, com personagens prontos e finais arranjados. Benjamin (1994, p. 197) faz uma crítica a essa transição dizendo que “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. Para ele,

É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências [...] A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos (BENJAMIN, 1994, p.198).

Nesta direção, não haveria como contarmos as histórias da Horta de outro modo. Eram ouvidas em pequenas conversas entre as aulas, nos dias de sol, por entre os jardins ou nas reuniões e entrevistas, com todas as lacunas deixadas pela memória de cada um. Não há, porém, uma preocupação aguda com a veracidade de cada detalhe, visto que o que interessa é antes “apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1985, p. 224).

As reminiscências são sempre pedaços, restos de uma integralidade suposta, que deixam lacunas a serem constantemente preenchidas. É aquilo que se conserva na memória. As reminiscências são, portanto, aquilo que constitui as narrativas por meio da memória do narrador.

Quando estávamos juntos, uns discutiam com os outros sobre a veracidade de certos acontecimentos, nos levando a pensar que a memória é mais um processo, que um arquivo, construindo e desconstruindo histórias a todo o tempo. Na Grotta, as histórias vão sendo contadas assim: ora a fala de um complementa a do outro, ora as divergências tornam-nas mais ricas.

Portanto, as histórias da Horta serão narradas aqui como qualquer um escutaria por lá: povoadas de muita gente.

### ***Entreouvindo histórias***

Ouvi dizer por aí, nas tantas conversas aos pés da frondosa amendoeira, que Dona Otávia era professora, destas que não param nem quando o tempo do trabalho termina, daquelas que não descansam. Aposentada, pela década de oitenta, quis dar aulas de reforço na escola municipal que tem na Grotta, bem próxima de onde hoje é a ONG. E lá ficou um tempo. Ou não ficou, não se sabe bem. Mas ficando ou não ficando, também não foi muito longe. Havia um terreno ali perto onde teve a ideia de fazer uma horta.

No terreno, D. Otávia preenchia os dias com um jardim que florescia sem flores. Era um jardim de meninos que brotavam todos os dias querendo compartilhar do que acontecia naquele espaço. D. Otávia plantava sonhos, mais do que pés de alface. E por contágio, a horta ia agregando meninos de lá e de cá, de todos os lados da Grotta que às vezes iam lá ver o que estava acontecendo, garotos que não se conheciam, que nunca tinham se visto, fazendo cruzar histórias e vidas. Eram canteiros de hortaliças que plantavam afetos e de onde começavam a ser colhidos projetos de outros destinos.

Era só um terreno. O campo era aquele matagal que eu te falei, a gente jogava bola com o mato até a cintura. E aqui não tinha nada disso, não tinha nem muro. Era só uma cerca de arame farpado. [...] Um dia eu estava jogando bola no campo, era de tarde isso, com um primo meu que era maior e ele disse: "Vamos lá naquele lugar ali." Eu estava ali no campo, não estava fazendo nada mesmo... Chegando aqui, a D. Otávia falou com a gente, explicou como eram as coisas e a gente começou, pegou uma enxadinha e começou.

Dizem que D. Otávia tinha muitos amigos e alguns deles iam lá dar aula sobre qualquer coisa: plantas medicinais, jardinagem, desenho, bordado. Outros apenas visitavam o trabalho. Foram tantas oficinas de tantas coisas diferentes que nem dá pra lembrar direito e todos se confundem na hora de contar. Uma vez alguém ensinou a fazer iogurte... Ensinavam a fazer os canteiros, mas não tinham ferramentas pra todo mundo, quem chegasse primeiro brincava na horta e também colhia os brotinhos. Os meninos nem esperavam crescer, viam nascendo e comiam. Contam que era divertido.

Às vezes os meninos iam vender de porta em porta pela vizinhança. Qualquer amigo ou conhecido dela que tivesse disposto a fazer alguma coisa vinha.

D. Otávia tinha um filho músico e insistia para que ele fosse lá dar aula de alguma coisa. Um dia, levou algumas flautas pra ensinar aos meninos. Uns vinham, outros não ficavam. Era aula de flauta doce. As melodias desafinadas do instrumento sendo explorado, as notas equivocadas quando o dedo se confunde e tapa o buraco errado e, ainda, o encanto de fazer música soprando vento, iam ocupando os ares da horta por entre os canteiros e os pés de qualquer-coisa-que-seja, tomando o lugar da terra. A horta fazia brotar poemas em forma de notas. Afinal, música é vento que faz poesia.

D. Otávia se foi pelos anos noventa e alguma coisa, mas deixou a horta lá cultivando encontros. O filho dela continuou dando aulas de música. Da flauta passaram aos

violinos. De horta mesmo não foi sobrando muita coisa, a não ser o nome que ficou até hoje e um sentido de insistir em plantar.

Algumas outras histórias começaram a se cruzar com a desse projeto e passaram a compô-lo. Na Grota havia, por coincidência, um *luthier*<sup>17</sup> que aprendeu a fazer instrumentos na FEBEM, para onde tinha ido bem criança e de onde fala como se fosse um colégio interno. Mas lá o ensinaram a fazer e não o ensinaram a tocar. A arte da *lutheria* não garantia bons instrumentos se ele não ouvisse o som de cada um. Resolveu colocar seus filhos para aprender violino em troca da manutenção dos instrumentos de uma professora. Os meninos, que em três anos pouco aprenderam de violino, porque achavam muito chato, acabaram indo à Horta (que já não tinha canteiros de terra, nem hortaliças, verduras ou legumes de algum tipo) e se juntaram às aulas de música. O *luthier* passou a fazer a manutenção dos instrumentos de lá também.

Começava a se compor um grupo de seis meninos. Dois deles, irmãos, vinham desde muito pequenos brincar na horta, participar das aulas que D. Otávia promovia. Depois os filhos do *luthier*. Um outro ouvia um dos meninos tocar violino de casa e um dia disse que queria tocar aquele instrumento. De idades muito próximas, os meninos iam tocando por aí, por onde se arranjava lugar para se apresentar: num aniversário de alguém, num churrasco, numa escola. Um dia, chegou um violoncelo lá e um deles resolveu aprender a tocá-lo. O pequeno sexteto precisava de um nome para anunciar quando chegavam aos lugares para se apresentar: Orquestra... de Cordas... da Grota! Sem pretensão de nada, foi que criaram a orquestra.

E eles se divertiam porque comiam nas festas o tanto que queriam e se lembram da primeira vez que receberam um dinheiro por terem tocado. Nunca tinham visto uma nota de cinquenta reais. E a mulher dizia que eles tinham trabalhado e que era o pagamento deles. Mas eles não queriam aceitar e insistiam em dizer que aquilo não era trabalho e que já tinham comido bastante na festa.

Nunca tinham pensado que aquilo poderia se tornar um trabalho, era só pretexto para brincar, se juntar, “falar besteira”, “pegar menina”. Não pensavam em ser

---

<sup>17</sup> *Luthier* é o profissional que trabalha na confecção e reparo de instrumentos de corda com caixa de ressonância, incluindo violões, violinos, violas, violoncelos, entre outros.

músicos. A Horta foi crescendo, atraindo a atenção de outras pessoas, da mídia e as demandas de crianças para aprender a tocar aumentava. O terreno só tinha uma casinha, com um banheiro em péssimo estado de limpeza e conservação. Às vezes algum vizinho ia limpar, dar uma ajuda, consertar alguma coisa. E a Horta se tornou uma ONG. De todas as coisas, a ONG foi a última que aconteceu, como eles dizem. A essa altura os meninos já estavam fazendo concertos internacionalmente e o projeto ganhava visibilidade. Hoje, a Orquestra de Cordas da Grotta é composta por aproximadamente quatrocentos meninos e meninas, que tocam violinos, violas, contrabaixos e violoncelos. O Espaço Cultural da Grotta tem quatro orquestras para aprendizado dos seus alunos, mas ainda chamam de Horta. Talvez porque ali ainda alguma coisa seja cultivada, talvez porque dali ainda brotem possíveis outros mundos.

Os meninos que por ali passaram trilharam seus caminhos. Alguns seguiram a carreira da música, outros não, fazendo escolhas diversas. Assim, há os que deixaram de frequentar o espaço porque não era bem isso que queriam, há os que foram para fora do país, há os que permanecem na Grotta. Há, ainda, os que começaram a ir porque um primo, irmão ou amigo chamou e há os que procuravam simplesmente poder sair de casa. E assim, a história do Espaço Cultural da Grotta vem contagiando outros meninos e meninas que chegam por lá. A transformação desses meninos em profissionais de música não era o objetivo, mas vem se constituindo como efeito dessa história. Nitidamente, essa passagem tem deixado marcas no bairro da Grotta (na Horta, diriam os jovens), na vida de muitas famílias e na dos meninos que habitam o Espaço Cultural da Grotta.

### ***Outras questões importantes sobre o funcionamento do ECG***

Além das histórias que acabamos de contar, seria importante ressaltar alguns outros aspectos sobre o Espaço Cultural da Grotta, a fim de esclarecer o funcionamento atual da ONG. Priorizaremos, neste momento, falar sobre os projetos e atividades que têm sido construídos na/pela Organização.

Em 2007, a Horta transformou-se em Espaço Cultural da Grotta e, através de

parcerias institucionais, trabalha hoje com crianças e jovens de diversas faixas etárias, principalmente através do ensino de música, da aproximação com experiências artísticas, da ampliação da diversidade cultural, da complementação e do reforço educacional, da profissionalização e da inserção no mercado de trabalho. Hoje acolhe alunos não somente moradores da Grotta, mas também de localidades mais distantes.

É uma ONG que, como tantas outras, não possui financiamento fixo e depende de projetos com prazos específicos, em geral, com a duração de apenas um ano, para fazer funcionar suas atividades. Em 2009, o espaço foi eleito *Ponto de Cultura* pelo Governo Federal, a partir de um projeto do Ministério da Cultura.

O ECG tem como principal atividade o ensino da música clássica, que não se limita ao aprendizado dos instrumentos, mas também a idas a concertos e apresentações, o estudo sobre compositores, entre outros. Atualmente desenvolve os seguintes projetos:

- 1) **Orquestra de Cordas da Grotta** – Público alvo: alunos que se interessam em dar continuidade ao estudo da música. Constam deste projeto: (I) o aperfeiçoamento nos instrumentos; (II) básico de teoria musical (período de dois anos) e (III) prática de orquestra, com 183 integrantes distribuídos nos quatro segmentos da Orquestra – D, C, B e A. Na medida em que conseguem executar as peças mais complexas, começam a galgar as diversas gradações até chegarem à “Orquestra A”.
  
- 2) **Monitores de Futuro** – Com esse projeto, realizado há sete anos, o Espaço Cultural da Grotta foi reconhecido pelo Ministério da Cultura como **Ponto de Cultura Monitores de Futuro**. Nesse programa assume-se o papel de dar formação técnica aos jovens integrantes da Orquestra de Cordas da Grotta. O projeto contempla: (I) a formação em Teoria Musical, em dois anos, no Conservatório de Música do Estado do Rio de Janeiro como complementação da formação no Espaço Cultural da Grotta; (II) reuniões semanais com a psicóloga para manejo de turma e cidadania; (III) prática de orquestra e (IV) prática de sala de aula nos núcleos de replicagem como monitores.

- 3) **Multiplicando Talentos** – Replica a experiência da Orquestra de Cordas da Grota em outras comunidades com crianças e adolescentes, adotando-se um método próprio de iniciação musical. São alunos da rede pública, numa parceria que se consolida com as escolas municipais e estaduais da cidade de Niterói e adjacências.
  
- 4) **Jovens Empreendedores** – Público Alvo: jovens da Orquestra de Cordas da Grota que se juntam para formar grupos musicais, como Negros & Vozes e Grupo Musical para Casamentos. Buscam, assim, dar um impulso em suas carreiras musicais. O estúdio de gravação, que está sendo implantado no ECG, começa a ser utilizado por esses jovens.
  
- 5) **Mobilizando Talentos** – Público Alvo: crianças e jovens moradores da comunidade da Grota que não sejam ainda alunos de música do ECG. Através dessa iniciativa, procura-se aproximar outros meninos e meninas da ONG por meio de atividades relacionadas à arte e ao esporte, geralmente em parceria com outros espaços. Também através dessa frente, é possível criarem-se postos de trabalho aos monitores que vêm se formando professores de música no ECG e nas universidades, a fim de que se garanta o sustento da ONG – por meio da entrada de novos integrantes – e dos jovens.

Essas diferentes frentes de trabalhos desenvolvidas no ECG são experimentadas de diversas maneiras. Ora elas se desenvolvem de modo transversal, em que monitores e alunos se revezam no cumprimento das mais diversas atividades, ora elas se apresentam estanques quando, por exemplo, alguns monitores destoam quanto ao modo de exercerem a função que lhes é dada: ensinar a tocar um instrumento. Dessa forma, a ONG tem avaliado sobre as maneiras diferenciadas de inserção e de adesão às atividades próprias ao ECG. Nesse sentido, para além dos monitores, esta discussão atravessa o funcionamento da instituição e, portanto, a prática dos coordenadores também, a fim de pensar em que medida eles se dispõem a assumir a gestão coletiva de um trabalho que necessita, cada vez mais,

de muitas mãos.

Para ampliarmos essa análise, consideramos fundamental explicitar os jogos entre o poder e as resistências. A partir das contribuições de pensadores como Foucault, Deleuze, Negri e Hardt, entre outros, vamos situar os conceitos de poder e de resistências. Entendendo que no encontro desta pesquisa com estas histórias e na construção das análises que emergiram com o campo, eles se tornaram fundamentais para pensarmos as produções acerca das juventudes periféricas e também os embates que se dão em meio às produções concernentes à vida destes meninos que criam e, portanto, resistem.

## **Poeiras das resistências na curva que o vento faz**

### ***Poder e resistências***

Nas sociedades contemporâneas as forças de resistências vêm se atualizando no que tange o processo de ruptura com o poder do Império, o que nos leva a crer que a vida tem se configurado sob outros/novos modos de funcionamento. Assim, sentimos a necessidade de explorar, neste momento, o tensionamento entre as forças de captura e de escape inerentes aos jogos do poder a partir da leitura de alguns autores que nos ajudam a pensar tal relação nos dias de hoje.

É comum, atualmente, nos familiarizarmos com um discurso acerca da liberdade com relação a diversos aspectos da vida. Após termos vivido na história períodos em que o controle sobre a vida era bastante explícito, fosse com relação ao sexo, à vestimenta, à imprensa, à religião, entre muitos outros, vivemos hoje um período de aparente liberalização. No entanto, devemos pensar que ela não é tão óbvia assim.

A própria noção de poder que nos serve de norte quando empreendemos esta análise rompe com a ideia de uma oposição entre poder e liberdade. Compreendemos o poder

[...] como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de forças encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 2010, p. 88-89).

Se formos pensar em termos atuais, Foucault nos ajuda nessa questão quando desenvolve em sua obra o conceito de biopoder. Após realizar uma série de estudos a propósito dos poderes soberano e disciplinar, no livro *História da Sexualidade I*,

ele descreve essa nova tecnologia como a articulação entre as modulações do poder disciplinar e o que ele anuncia como biopolítica. O biopoder coloca a vida como o principal objeto de controle, invertendo a máxima soberana que localizava a morte como centro do exercício do poder, sob a seguinte lógica: fazer viver e deixar morrer.

Ora, quando cunhou o termo de biopoder, Foucault tentava discriminá-lo do regime que o havia precedido, denominado de soberania. O regime de soberania consistia em fazer morrer e deixar viver. Cabia ao soberano a prerrogativa de matar, de maneira espetacular, os que ameaçassem seu poderio, e deixar viverem os demais. Já no contexto biopolítico, surge uma nova preocupação. Não cabe ao poder fazer morrer, mas sobretudo fazer viver, isto é, cuidar da população, da espécie, dos processos biológicos, otimizar a vida. Gerir a vida, mais do que exigir a morte (PELBART, 2006).

Foucault fala da articulação do poder disciplinar e da biopolítica na composição de um poder sobre a vida, deixando claros os diferentes funcionamentos e objetivos de ambos. Tratava-se de uma maximização do poder sobre os homens; a biopolítica emerge a fim de controlar a vida humana como espécie, numa perspectiva biológica voltada para os índices e taxas sobre a população, intensificando, desse modo, o controle em duas dimensões: individual e de massa. Se a disciplina incide sobre o corpo do homem, modelando-o desde criança até tornar-se um trabalhador útil e lucrativo, a biopolítica se encarregará de controlar estes corpos enquanto população (surgem, neste momento, estudos que vão indicar taxas e índices referentes à vida na sociedade, como é o caso das taxas de mortalidade, de natalidade, índices de recorrência de doenças, entre outros)

O biopoder cunha, portanto, uma outra acepção de poder cada vez mais silenciosa e dispersa. Conjugando com as elaborações de Deleuze (1992) acerca das sociedades de controle, suas afirmações nos ajudam a pensar sobre esta questão. O poder sobre a vida tem se tornado mais sutil e invisível, logo descentralizado, afirma o filósofo. Seus mecanismos estão presentes no cotidiano, controlando a vida em sua dimensão expansiva e inventiva, especialmente através de artifícios cada vez mais sofisticados, sem perder em eficácia e violência. Se antes o poder tratava de uma individualização no corpo do rei, hoje isso se desmancha.

Para resumi-lo numa frase: o poder já não se exerce desde fora, nem de cima, mas como que por dentro, pilotando nossa vitalidade social de cabo a rabo. Não estamos mais às voltas com um poder transcendente, ou mesmo

repressivo, trata-se de um poder imanente, produtivo. Como o mostrou Foucault, um tal biopoder não visa barrar a vida, mas tende a encarregar-se dela, intensificá-la, otimizá-la. Daí nossa extrema dificuldade em situar a resistência, já mal sabemos onde está o poder, e onde estamos nós, o que ele nos dita, o que nós dele queremos, nós nos encarregamos de administrar nosso controle, e o próprio desejo está inteiramente capturado. Nunca o poder chegou tão longe e tão fundo no cerne da subjetividade e da própria vida como nessa modalidade contemporânea do biopoder (PELBART, 2006).

Instaurou-se um regime de poder que, apesar da premissa de estender a vida, tem sido, talvez, o que mais tem deixado à morte grande parte da população mundial nas últimas décadas: um paradoxo intrínseco ao exercício das práticas do biopoder. Sendo assim,

[...] um poder que tem a tarefa de se encarregar da vida terá necessidade de mecanismos contínuos, reguladores e corretivos. Já não se trata de pôr a morte em ação no campo da soberania, mas de distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade. Um poder dessa natureza tem de qualificar, medir, avaliar, hierarquizar [...] (FOUCAULT, 2010, p.135).

Seguindo essa lógica, é possível afirmar que a máquina capitalista no biopoder é muito mais que apenas um modo de gestão econômico e político do mundo. Produz, acima de tudo, modos de vida, capturando-os e transformando-os de forma cada vez mais invisível a serviço do seu funcionamento. Com relação a isso, Neves (2002, p. 37) explicita:

Toda esta engrenagem montada pelo capitalismo tem como sujeito o capital, aqui entendido não apenas em seu aspecto econômico, mas também político, social, técnico, científico, sexual. Aspectos esses que articulados uns aos outros, engendram máquinas sociais produtoras de subjetividades fragmentárias, individualizadas, repressoras, servis, que modelam o corpo, as sensações e a consciência.

Podemos compreender, assim, uma aliança poderosa que se conjuga entre os interesses da máquina capitalista e do biopoder. Se antes a lógica de funcionamento do capital era constituída por questões como a materialidade, os meios de produção, a divisão de classes, a força trabalhadora e o mercado, atualmente tal lógica funciona por mecanismos cada vez mais sutis, no que poderíamos chamar de um plano imanente.

Vale ressaltar que o plano de imanência é entendido como plano das virtualidades, daquilo que ainda não se constituiu como forma, como objeto. Trata-se de um plano em que nada transcende a nada. É pura força. Nesse sentido, podemos pensar, conjugando com a discussão das resistências, que o plano de imanência é também primeiro às relações transcendentais e estas derivam desta abertura ilimitada e indefinida que é a pura imanência. É o plano que nos convida à criação e à invenção, pois é a própria diferenciação percorrendo em velocidades infinitas.<sup>18</sup>

Apostando na potência de criação deste plano, assim como sugere Foucault (2009), buscamos avaliar as relações de poder a partir das estratégias que ele vai criando para conter e/ou neutralizar as resistências, usando-as como uma espécie de analisador<sup>19</sup> das relações de poder. Desse modo, compreendemos que as resistências são primeiras na ordem constitutiva do poder. Elas são primeiras e constituem as estratégias que o poder terá de inventar para tentar capturá-las. É da ordem da vida escapar. A vida sempre resiste. Falamos, portanto, de uma relação entre poder e resistências que não é de oposição, como anunciamos acima, mas de provocação permanente, de um agonismo mais que de um antagonismo (FOUCAULT, 2009).

Não há, portanto, um confronto entre poder e liberdade, numa relação de exclusão (onde quer que o poder se exerça, a liberdade desaparece); mas um jogo muito mais complexo: neste jogo, a liberdade aparecerá como condição de existência do poder (e, ao mesmo tempo, sua precondição, uma vez que é necessário que haja liberdade para que o poder se exerça, além de ser seu suporte permanente, uma vez que, se ela se abstraísse inteiramente do poder sobre ela exercido, por isto mesmo, desapareceria, e deveria buscar um substituto na coerção pura e simples da violência); porém, ela aparece também como aquilo que só poderá se opor a um exercício de poder que tenda, enfim, a determiná-la inteiramente (FOUCAULT, 2009, p. 244).

Tratar das resistências no contemporâneo consiste em tentar captar lutas muitas

---

<sup>18</sup> LAVRADOR, Maria Cristina. **Anotações.** Aula na disciplina Psicologia Institucional, do Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional, Vitória, 26 de maio de 2010. Acerca da noção de plano de imanência ver DELEUZE, 1997 e NEVES, 2002.

<sup>19</sup> O termo *analisador* aqui utilizado provém da Análise Institucional Francesa e quer dizer um “acontecimento, indivíduo, prática ou dispositivo que revela, em seu próprio funcionamento, o impensado de uma estrutura social - tanto a não conformidade com o instituído como a natureza desse mesmo instituído” (RODRIGUES; SOUZA, 1987 apud AGUIAR, 2009). Desse modo, priorizamos voltar nosso olhar para as forças que temos denominado nesta dissertação como resistências, a fim de que, nestes jogos de poder, outras relações ganhem o vigor necessário à problematização de um regime de verdade dominante.

vezes ensurdecidas pelas forças do controle e da disciplina. Estivemos atentos a resistências por vezes estranhas, àquelas que num primeiro olhar não nos parece romper com alguma lógica, mas que, com alguma delicadeza, podemos perceber que têm entranhado e desequilibrado as forças que tentam capturar a vida a todo instante.

Adentrando no campo das resistências, nos aliamos à imagem que Pelbart (2011, p. 20) cria do nômade para falar sobre a potência da vida. O nômade é aquele que

Ocupa um território mas ao mesmo tempo o desmancha, dificilmente entra em confronto direto com aquilo que recusa, não aceita a dialética da oposição, que sabe submetida de antemão ao campo do adversário, por isso ele desliza, escorrega, recusa o jogo ou subverte-lhe o sentido, corrói o próprio campo e assim resiste às injunções dominantes. O nômade, a exemplo do esquizo, é o desterritorializado por excelência, aquele que foge e faz tudo fugir. Ele faz da própria desterritorialização um território subjetivo.

As resistências quando nômades são difíceis de capturar. O nomadismo das resistências se refere à multiplicidade de ações, descentralizadas e muitas vezes não localizáveis. Mesmo nas malhas mais finas da engrenagem da máquina capitalista há descontinuidades que deixam escapar essas forças indomáveis e que afrontam o seu poder. Desse modo, há uma tarefa primordial nesta dissertação, que é a de não atrelar as resistências apenas ao lugar de oposição a um poder. Pois, para além deste controle sobre a vida, ela mesma, ao criar, resiste. Assim, as resistências são afirmadas como parte de um tecido híbrido que conjuga, concomitantemente, capturas e devires. Ainda que, em algumas situações, as ações de oposição configuram-se como ação fundamental no enfrentamento dos jogos de poder.

Dessa forma, quando o regime atual aponta que se trata de fazer viver e deixar morrer, nos encontramos com jovens que, inseridos também nesta lógica, tentam inverter de dentro essa ordem. Criando uma perspectiva autônoma quanto a essa produção, eles afirmam em suas práticas que não querem viver de qualquer jeito e conseguem, por meio das ferramentas da arte e da música, combater esse regime vigente que se interpõe às suas vidas.

A construção dos diversos projetos que compõem as atividades da Horta voltadas à

música, entre elas as que conjugam a multiplicação do ensino de música em escolas públicas e outras práticas artísticas engendradas na comunidade local, alarga um campo de possíveis em que se cria um modo de sustento pautado na relação com a arte. Tais desdobramentos fazem com que não só a ONG, mas especialmente as vidas destes jovens, sejam reinventadas em meio às produções vis remetidas a eles. Assim, estamos entendendo estas criações como rupturas que fazem estremecer as engrenagens do poder hegemônico, permitindo-nos afirmar que nestes modos de inventar a vida estão as resistências de que vimos falando.

### ***Império e multidão para pensar a relação entre poder e resistências***

Complementando os escritos de Foucault, Negri e Hardt (2000) desenvolveram as noções de Império e Multidão que nos ajudam a pensar mais claramente a relação intrínseca entre o poder e as resistências. Desse modo, ampliaremos esta discussão nos aliando também a estes autores.

O Império, conforme anunciado por Negri e Hardt, consiste em uma forma especial de soberania, uma máquina que por meio de redes globais impõe uma ordem que determina o estado de coisas existentes. Esta ordem, a-histórica, funciona em todos os estratos sociais administrando a vida social (NEGRI; HARDT, 2000).

O Império aparece, dessa maneira, na forma de máquina de altíssima tecnologia: é virtual, construída para controlar o evento marginal, e organizada para dominar e, quando necessário, intervir nas avarias do sistema (de acordo com as mais avançadas tecnologias de produção robótica). A virtualidade e descontinuidade da soberania imperial, entretanto, não diminuem a eficácia de sua força; ao contrário, são essas características que servem para reforçar seu aparelho, demonstrando sua eficácia no contexto histórico contemporâneo e sua força legítima para resolver problemas mundiais como último recurso (NEGRI; HARDT, 2000, p. 58).

Os autores afirmam que não se pode precisar quando é que o regime do Império teve início, no entanto, apontam alguns indícios desta nova configuração do poder sobre a vida. Trata-se de um poder unitário e global, uma máquina especialmente discursiva, que usa das relações humanas, da comunicação, de valores sociais, para fortalecer e expandir seu alcance. Ao mesmo tempo, o Império consegue

adquirir uma autoridade central e uma dispersão dessa centralidade. “A primeira obrigação do Império, portanto, é ampliar o domínio dos consensos que dão apoio a seu próprio poder” (NEGRI; HARDT, 2000, p.33).

[...] julgamos necessário notar que o que era conflito ou competição entre diversas potências imperialistas foi, num sentido essencial, substituído pela ideia de um poder único que está por cima de todas elas, que as organiza numa estrutura unitária e as trata de acordo com uma noção comum de direito decididamente pós-colonial e pós-imperialista. É este, na realidade, o ponto de partida do nosso estudo do Império: uma nova noção de direito, ou melhor, um novo registro de autoridade e um projeto original de produção de normas e de instrumentos legais de coerção que fazem valer contratos e resolvem conflitos (NEGRI; HARDT, 2000, p. 27).

Vai se configurando, dessa maneira, um novo regime de poder, globalizado e supranacional. O Império, contudo, é carcerário dele mesmo. Adquirindo um funcionamento nômade, difuso e cada vez mais flexível a fim de abarcar toda e qualquer forma que possa escapar, ele se depara com um paradoxo: o nômade é aquele que não se consegue capturar e, nesse sentido, o seu próprio êxodo vai produzir arestas no seio de suas engrenagens.

Diante de cálculos de poder que assumem uma dimensão imperiosa, como dar visibilidade às resistências que se fazem no cotidiano? O Império, em sua configuração horizontal, altamente mutável e adaptável, torna difícil a identificação do que está no plano das resistências e o que já foi capturado. É a própria vida que se tornou objeto de poder e é dela própria que falamos para também inventar e provocar os desvios e escapes que permitam que outras formas sejam forjadas. Essas “formas seriam apenas indícios, vestígios das forças em luta.” (HECKERT, 2004, p. 32). Segundo essa concepção, a noção de forças se alia ao plano das multiplicidades, no seu caráter intensivo e de movimento incessante. Plano este em que, no embate de forças, se configuram contornos, objetos, isto é, formas.

Como efeito disso, os campos de luta vão também se tornando mais difusos, já que facilmente somos capturados pelas subjetividades fabricadas no seio do sistema capitalista e que servem a ele. Ao pensarmos estratégias de resistências como os sindicatos, passeatas e greves, nos parece que um dos perigos atuais é que pouco se produz em termos de ruptura quando esses movimentos são colocados em prática. O risco sempre presente é de que esses movimentos sejam englobados

pelas forças de controle da ordem social como desvios esperados na organização da sociedade. De certo, vivemos essa vida em que nos tornamos cada vez mais escravos da dimensão produtiva do capital. Mesmo sem querer ou perceber, muitas vezes nos posicionamos a favor dele. Como resistir à máquina capitalista que é, de certa forma, rizomática?<sup>20</sup> As resistências têm, portanto, que suportar a provisoriedade instaurada pelas forças do capital globalizado.

Assim sendo, criar territórios existenciais alternativos ao Império significa que não trataremos de uma resistência que é exterior ao poder, mas intrínseca a ele. Há sempre algo em nós que resiste. Mesmo reduzida à sua dimensão biológica (AGAMBEN, 2007), a vida não se encontra somente sob este regime. O Império assume, então, uma conduta paranóica em relação às forças nômades já que, ao mesmo tempo em que elas escapam a qualquer forma de institucionalidade, são também o que produz e sustenta o Império.

Nesse sentido, as forças da multidão agem de dentro do Império e não de fora ou em oposição às modalidades de poder, mas de seu seio, daquilo que o constitui e, ao mesmo tempo, o destrói (NEGRI; HARDT, 2000). Portanto, novos modos de resistir são necessários para combater o regime do Império.

É evidente que este momento pede outra coisa [...] Mas como estar à altura do que nos acontece se mal sabemos o que nos acontece, se a cada dia vemos revirado o território mínimo, teórico e existencial, que nos permitia dar-lhe sentido? É justamente esse o paradoxo que o presente nos lança ao rosto: pensá-lo com instrumentos que nem sejam do presente que se desfaz, mas de algum modo futuro – pensar extemporaneamente, de modo intempestivo... Em outras palavras: pensar no presente, mas contra o presente, em favor de um futuro que virá (PELBART, 2011, p. 213-214).

---

<sup>20</sup> Denominamos aqui a máquina capitalista como rizomática no sentido de que ela já não mais compreende um sistema corpóreo, unívoco e identificável, mas se compõe segundo essa lógica cada vez mais capilarizada em nossas vidas. O conceito se refere à alusão que Deleuze e Parnet (1998) fazem a este termo da biologia que caracteriza as plantas de raízes difusas. Os autores se apropriam deste termo para pensar uma imagem de mundo distinta das hierarquias de um modo arborescente de conceber a existência, isto é, fragmentado em ordens e funções como as da raiz, caule, folhas. O rizoma conecta-se de um ponto qualquer a outro ponto qualquer, remetendo-nos a uma imagem que é anterior às demais, de pura multiplicidade. “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e...e...e...’ Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde você vai? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tabula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...)” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37).

Os autores denominarão as resistências como multidão, entendendo que, no contemporâneo, resistir é fortalecer os movimentos multitudinários, ilocalizáveis, plurais e heterogêneos. A multidão é, assim, “[...] refratária à unidade política, não assina pactos com o soberano e não delega a ele direitos, seja ele um mulá ou um cowboy. Ela inclina-se a formas de democracia não representativa” (PELBART, 2011, p. 85).

Inspirado nas produções de Foucault, Negri, Lazzarato, Deleuze e Hardt, principalmente, Pelbart (2011) salienta que a dimensão do capital contemporâneo se caracteriza por sua penetração infinitesimal nas malhas da existência humana, configurando, portanto, uma nova relação entre a máquina capitalista e a produção de subjetividade. No entanto, ao mesmo tempo, afirma que não podemos nos deixar embalar por um “determinismo apocalíptico”, mas compreender que não conjugamos uma “massa inerte e passiva à mercê do capital, mas um conjunto vivo de estratégias” (PELBART, 2011, p. 21).

Produzir o novo é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é potência do homem comum. Cada variação, por minúscula que seja, ao propagar-se e ser imitada, torna-se quantidade social, e assim pode ensejar outras invenções e novas imitações, novas associações e novas formas de cooperação (PELBART, 2011, p. 23).

Como nos aponta o autor, há algo no funcionamento do Império que é puro disfuncionamento (PELBART, 2011). A vida, enquanto objeto dessa captura e das modulações do capital, é também potência irreduzível de invenção. A potência da vida está na capacidade de reinventar suas formas.

Deste modo, estes movimentos multitudinários, ilocalizáveis, plurais e heterogêneos a que se referem Negri e Hardt foram percebidos por nós nos jovens da Grota quando inclusos em seus afazeres musicais. Colocando em análise as formas de vida vigentes, eles criam, em certa medida, as saídas possíveis com relação a uma condição periférica de exclusão.

## ***Devir periférico***

Enquanto os vaga-lumes piscavam suas lanternas, a luz do dia ia dando sinais de sumiço. Os meninos de olhos brilhantes iam chegando. No mato alto do campinho saltitavam entre grilos e pulgas, tentando pegar vaga-lumes. E assim ficavam por horas, como se fossem donos do tempo. Não se via, de longe, nada além de olhos e vaga-lumes cintilando na escuridão das ruas sem postes. Lá, onde a vida se inventa, onde o tempo é outro, os meninos não têm contornos, nem amarras, planam livres por entre as casas e árvores e folhas. Suas cafifas voam alto, alto, alto... até que só se enxerga a rabiola de saco plástico. Enquanto saltitam, é como se balançassem seus pezinhos dependurados na ponta da lua, sorrindo. Eles têm o mundo a seus pés e esperam pisar nele descalços. Deixam pegadas no campinho, marcas das noites de verão.<sup>21</sup>

Quando o vento faz curva se dispersa em pequenos desvios. E é destes desvios que queremos falar. Nesta pesquisa estivemos em contato com jovens que constituem uma juventude dita pobre e de risco. No entanto, no encontro com eles, fomos levados a fazer uma curva em nossa discussão e na maneira de conceber o modo de vida na periferia.

No cruzamento com esses jovens, pudemos acompanhar, fossem nas suas falas, no modo como trabalham no ECG ou, ainda, no modo como gerem e experimentam suas vidas, escapes a uma lógica que traduz e reduz a periferia ao lugar da pobreza. O discurso hegemônico, que pauta as ações no campo do social dirigidas aos setores periféricos, é o da falta, das carências, da inópia. Contudo, outros discursos e práticas, outras vozes, que não alheias a essa condição periférica, mas misturadas a ela, falam de vida e da criação de novas referências e territórios existenciais.

O discurso midiático e o grande número de pesquisas que se alinhavam com o campo social, em geral, afirmam, mesmo que criticamente, a falta de políticas

---

<sup>21</sup> Trecho de diário de campo inspirado na fala de um dos meninos sobre a brincadeira de pegar vaga-lumes no campinho ao lado da ONG quando crianças.

dirigidas aos territórios periféricos, seja no campo da educação, da assistência social, da saúde, entre outros, como exploramos acima. Dão visibilidade aos processos de precarização da vida material e, especialmente, ao extermínio da população que reside nesses territórios. Mesmo nos movimentos sociais ligados à discussão dos direitos humanos, na tentativa de lutar por melhorias nas condições de vida da população moradora das periferias, o discurso se encontra terminantemente ligado à mesma questão: à denúncia de violações de direitos, enfatizando as carências diversas que permeiam tais territórios. Consideramos que tal luta tem sim sua importância, no sentido de ser crítica a uma certa alienação produzida principalmente pela mídia que vincula a vida na periferia à criminalidade e à descartabilidade. No entanto, nos questionamos se temos produzido algum desvio em relação à ordem dominante travando lutas que ainda afirmam apenas carências.

Na contramão deste discurso e tencionando romper com essa linha de produção, buscamos nos aliar às perspectivas que entendem os territórios periféricos como aqueles permeados também por redes potentes de afirmação da vida.

O que estamos aqui denominando como *Vida* se enseja naquilo que Deleuze (1997, p. 03) pôde desenvolver em sua obra. Para o filósofo:

uma vida está em toda parte, em todos os momentos que tal ou qual sujeito vivo atravessa e que tais objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. Essa vida indefinida não tem, ela própria, momentos, por mais próximos que sejam uns dos outros, mas apenas entre-tempos, entre-momentos. Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio no qual vemos o acontecimento ainda por vir e já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata.

Nesta direção vital, interessou-nos atentar para as resistências hoje constituídas por juventudes periféricas. Para isso, estamos entendendo a periferia como aquilo que está à margem do centro, isto é, à margem (mas não marginalizado) de um certo modo de vida que pauta as relações humanas no contemporâneo. Numa condição de distanciamento do centro, mas não alheio e nem exterior a ele, a periferia abrange um campo mais afastado das principais esferas de controle social. Mesmo onde os braços do Estado não chegam a fim de fornecer condições salutaras de educação, saúde, transporte, saneamento, lazer e cultura, um território pode se

tornar profícuo à invenção da vida cotidiana.

A noção de periférico, aqui trabalhada, encontra-se, portanto, em consonância com a definição proposta por Negri e Hardt (2005) quando apontam a necessidade de produção e constituição de um *devir periférico*. Essa noção, segundo os autores, se faz possível em função de que a periferia teria condições de engendrar processos de diferenciação potentes justamente pelo fato de que esses territórios, subjetivos ou geográficos, se encontram mais distantes dos focos de poder. Entendendo que tal afastamento não é garantia de criação de processos de diferenciação, o que queremos afirmar é que a distância traria a possibilidade da produção de uma vida comum pautada na lógica do heterogêneo e do singular expressos nas formas de trabalho e vida.

Os processos de marginalização atravessam o conjunto da sociedade. De suas formas terminais (como prisões, manicômios, campos de concentração) às formas mais modernistas (o esquadramento social), esses processos desembocam numa mesma visão de miséria, de desespero e de abandono à fatalidade. Mas esse é apenas um dos lados do que estamos vivendo. Um outro lado é o que faz a qualidade, a mensagem e a promessa das minorias: elas representam não só polos de resistência, mas potencialidades de processos de transformação que, numa etapa ou outra, são suscetíveis de serem retomados por setores inteiros das massas (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 88).

Estamos entendendo os devires como pontos de passagem, como desvios possíveis que fazem estremecer a ordem hegemônica do mundo. O devir é, assim, sempre minoritário e todos somos potencialmente minoritários, na medida em que somos também constituídos por suas forças. Minoritário não no sentido de menor quantidade, mas daquilo que difere das hegemonias impostas pelo mundo em que vivemos.

As minorias e as maiorias não se distinguem pelo número. Uma minoria pode ser mais numerosa que uma maioria. O que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme: por exemplo, o europeu médio adulto macho habitante das cidades... Ao passo que uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo. Pode-se dizer que a maioria não é ninguém. Todo mundo, sob um ou outro aspecto, está tomado por um devir minoritário que o arrastaria por caminhos desconhecidos caso consentisse em segui-lo. [...] O povo é sempre uma minoria criadora, e que permanece tal, mesmo quando conquista uma maioria: as duas coisas podem coexistir porque não são vividas no mesmo plano (DELEUZE, 1992, p. 214).

Devir-mulher, devir-criança, devir-periferia seriam focos de liberdade

potencializadores de processos de singularização da vida, no sentido de empreender deslocamentos dos estratos representativos que formam nossa sociedade, que podem ou não compor a cada um de nós, que podem ou não compor esses jovens. Nessa perspectiva, pensar um devir periférico é dar passagem àquilo que em nós se constitui como um modo de ser periferia. Ativá-lo no sentido de alentar forças que, na porosidade do capital, o façam se abater e criar canais de invenção de novos campos de referência. Trata-se de ampliar artifícios de resistência, dando movimento e fazendo proliferar processos alternativos à tirania das formas de vida já prontas.

Os devires se referem, portanto, a polos de resistência em seus processos de transformação/subjectivação que transbordam ao modelo majoritário. Lazzaratto (2006) desenvolve esta ideia se apropriando da noção de que somos constituídos por estes processos de singularização assim como pelas formas hegemônicas do poder. Pensar a periferia composta por um devir periférico seria trabalhar na perspectiva de uma coexistência entre as forças marginalizadoras da vida nesses territórios e também daquilo que, justamente nessa condição de estar à margem, faz reverberar outros modos de vida. Modos que confrontem com uma ordem social dominante no que se refere às instituições como família, infância, saúde, trabalho, entre outras.

Apropriando-se da arte como ferramenta na produção de novos campos de referência, nos deparamos com um projeto social que tem como aposta a ativação de processos estéticos da/na vida, a partir da criação de territórios subjetivos que se aliem às forças da multiplicidade e da diferença. A ONG em que realizamos a pesquisa tem apresentado um trabalho, há mais de vinte anos, de aproximar meninos e meninas da Grota à experiência com a música clássica, contemplando o ensino de teoria musical, flauta doce, violino, violoncelo, contrabaixo e viola, principalmente.

Quando é operada esta inversão, de uma periferia lançada em guetos de exclusão para uma periferia formada por redes em que a falta ou carência é convertida em

excesso<sup>22</sup>, o periférico é tomado por um devir. Como apontam também Deleuze e Guattari (1997), por um devir periférico que escapa aos processos de subjetivação dominantes já que devir refere-se sempre aos movimentos que portam a potência de diferir. Com relação a isso, Caiafa (2000) afirma que:

há uma experimentação subjetiva que acontece nos grupos marginalizados ou oprimidos que, por manterem uma distância ao mesmo tempo desejada e forçada em relação aos focos de poder, se deslocam mais facilmente da subjetividade normalizada (CAIAFA, 2000, p. 67).

O devir é da ordem do encontro, diz respeito ao “entre” que se cria numa relação entre duas coisas. Não é um termo que denomina uma imitação ou que segue uma lógica representativa, ou ainda

[...] sequer algo que estaria em um ou alguma coisa que estaria no outro, ainda que houvesse uma troca, uma mistura, mas alguma coisa que está entre os dois, fora dos dois, e que corre em outra direção. Encontrar é achar, é capturar, é roubar [...] Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como (DELEUZE; PARNET, 1998, p.15).

Devir-periferia é um encontro com aquilo que nos modos de vida periféricos pulsa como minoritário, como diferença, tendo, assim, uma potência de desestabilizar e permear a ordem hegemônica. Há devires que, segundo Deleuze e Parnet (1998) operam em silêncio, sendo quase imperceptíveis.

Quando estivemos inseridos no ECG, durante a convivência com esses jovens, especialmente nas longas conversas com eles, percebemos que, nos seus relatos, nas histórias que nos contavam, em seus cotidianos, dentro, fora e em meio à ONG, algo, inevitavelmente, não passava pela periferia no que ela comporta de exclusão ou de marginalidade, mas a compunha como uma periferia que não se conseguia classificar, por escapar de qualquer modelo majoritário de análise. Não se tratava, no entanto, de um binarismo que opunha centro e periferia, mas de um hibridismo e, mais que isso, um encontro entre uma dimensão criadora e uma dimensão marginal da periferia.

---

<sup>22</sup> Excesso a partir do qual o sentido de periférico ganha nova expressão: de um devir periférico em termos da sua potência minoritária.

Caberia aqui assinalar outro aspecto analisado e comungado entre a pesquisa e estes jovens, que atravessa e compõe a questão que estamos desenvolvendo acerca do devir periférico, sobre um sentido comumente apontado nos projetos dirigidos a eles que os colocam na condição de vulnerabilidade social ou em situação de risco. Eles nos indicam que tais categorias não abarcam o que compreendem como viver em territórios periféricos. Ou seja, as condições precárias de existência não necessariamente se coadunam com tais categorias. Isto porque a própria convivência comunitária aponta para a criação de outras redes de produção do comum que tais categorias invisibilizam sobre a vida na periferia.

*Os meninos, quando perguntados sobre de que modo a ONG interfere na questão da vulnerabilidade social, respondem: "Lá tem vulnerabilidade como tem em qualquer lugar". E questionam sobre o que é ser vulnerável dizendo que enquanto as pessoas não rejeitarem o termo "comunidade carente", essas comunidades serão sempre carentes. Quem nunca foi vulnerável nalgum momento da vida? Por que somente eles são rotulados como "os vulneráveis"? Dizem ainda que os meninos que estão "em risco" não chegam ao projeto, isto é, a ONG não atinge esses meninos.*

Nessas redes quentes<sup>23</sup>, a situação de vulnerabilidade é convertida em formas de solidariedade que inventam outras maneiras de integração à vida social que se expressam nos modos de compartilhar os cuidados com os filhos, de se relacionar entre eles, de trabalhar e de morar e que produzem um cotidiano que escapa às formas de trabalho e vida que o capital reproduz.

Dentro dessa perspectiva, Santos (2008) nos atenta para o que ele denomina como experiência da escassez. Segundo o autor, uma parcela da população não tem acesso "às coisas, serviços, relações, ideias que se multiplicam na base da

---

<sup>23</sup> Para falar em redes quentes nos apropriamos do que Passos e Benevides (2005) afirmam quando diferenciam redes quentes de frias nas relações de poder que constituem as políticas públicas de saúde no Brasil. Quanto a isso, os autores denominam como redes frias aquelas que funcionam em consonância com as forças do capital, produzindo efeitos de homogeneização e controle. As redes quentes seriam, portanto, as que operam uma dinâmica a favor dos processos de diferenciação e efetivando a produção de novas formas de existência resistentes à opressão da máquina capitalista.

racionalidade hegemônica” (SANTOS, 2008, p. 128); seria impossível garantir esse acesso no contexto de produção incessante de necessidades e racionalidades hegemônicas, que tem como efeito a desqualificação de outras necessidades ou racionalidades. Nessa medida,

Cada dia acaba por ser uma nova experiência da escassez. Por isso, não há lugar para o repouso e a própria vida acaba por ser um verdadeiro campo de batalha. Na briga cotidiana pela sobrevivência, o que há, mesmo, é uma luta, pois não há para eles negociação possível, já que, individualmente, não há força de negociação. A sobrevivência lhes é assegurada porque as experiências imperativamente se renovam. [...] É com essa força que eles se eximem da contrafinalidade e, ao lado da busca de bens materiais finitos, cultivam a procura de bens infinitos, como a solidariedade e a liberdade: estes quanto mais se distribuem mais aumentam (SANTOS, 2008, p.02).

Desse modo, a miséria não condiciona apenas uma experiência de falta e de carência, mas também de produção que arranja outras formas materiais e imateriais de se sustentar e se reinventar. O devir periférico, nesse sentido, conjuga justamente com o que Milton Santos evoca no trecho que destacamos acima, tratando de afirmar intensivamente a produção imaterial nestes territórios.

No ECG era comum escutarmos histórias sobre os meninos que chegaram à ONG sem a pretensão de estudar música, indicando que talvez esse nem fosse o maior atrativo, mas sim o próprio local, se estabelecendo como um lugar que acolhe e agrega estes meninos. Assim, a partir da experiência que tivemos nesta ONG, reafirmamos essa dimensão de uma produção imaterial neste espaço que ultrapassa o cultivo aos bens materiais de consumo, e fazem emergir novas configurações e modos de vida no encontro destes meninos com este espaço.

A seguir, discutiremos o que, ao longo do percurso de nossa pesquisa, talvez tenha sido a dimensão mais potente de nossas análises, acerca do uso da arte, nesse caso mais especificamente da música, como ferramenta de criação na/da vida e combate às hegemonias que constroem o periférico sob uma visão depreciativa.

## **Entre uma periferia marginal e uma periferia criadora**

### ***Analizador de uma periferia tornada marginal: as chuvas de Niterói***

As chuvas intensas devastam o Rio de Janeiro. As notícias que vão chegando estremecem os ouvidos e o corpo. Um morro inteiro veio abaixo em Niterói, não se sabe o número de mortos, não se sabe quantos faltam tirar de debaixo da terra. Não para de chover e isso dificulta as ações dos bombeiros. Os primeiros números vão chegando e alarmando os ouvidos mais atentos. Alguns sentem arrepios, outros se aliviam, outros ainda afirmam seus fascismos e dizem que “é melhor que morram mesmo porque não servem para nada”. As discussões se situam entre a culpabilização da prefeitura pelas irregularidades ou das famílias por terem construído suas casas em local inapropriado.

Era abril de 2010 e a cidade de Niterói vivia um caos velado. Poucos queriam falar do assunto e, fora os militantes de plantão, os comentários entre ouvidos facilmente retratavam a vil produção em que nos emaranhamos cotidianamente, afirmando a desqualificação, ou nesse caso mais, o extermínio de vidas que compõem um setor da população que parece não servir para nada.

As regiões mais empobrecidas da cidade de Niterói – marcadamente as mais atingidas – foram foco de incontáveis reportagens jornalísticas e alvo de campanhas de doação, políticas emergenciais e toda sorte de intervenções de especialistas e da sociedade civil organizada. Se o cunho assistencialista e imediatista de muitas destas ações pode ser compreendido e legitimado em função da pressa por se garantir o essencial à vida dos moradores, por outro lado, sua preponderância, ou mesmo exclusividade, afirma uma lógica na qual não há espaço para que estes moradores possam dizer algo para além ou aquém de carências e impotências.

O bairro da Grota do Surucucu foi duramente atingido em função de sua disposição geográfica e de sua topologia, apesar de não ter ganhado relevância nas reportagens que cobriram os acontecimentos. Havia o risco iminente de que as

casas fossem atingidas por pedras, como, de fato, aconteceu com algumas das residências locais. Por isso, houve um número expressivo de famílias desabrigadas tornando os espaços públicos e religiosos em abrigos. Além das escolas públicas e das igrejas, o Espaço Cultural da Grotta abrigou cinco famílias da comunidade local. Durante este período, inúmeras crianças e jovens tiveram que se evadir do projeto, recorrendo a seus familiares e amigos, forjando-os a terem que estabelecer residências em bairros distantes. A sensação apontada pelos coordenadores era a de que tinham regredido em termos do que haviam conquistado no projeto durante o tempo de existência da ONG.

Nos calabouços de um estado conhecido pelo carnaval, pela alegria, pela arte e por belos cartões postais, a alarmante situação de calamidade fez emergir o que se esconde debaixo do pano, o que não se quer que ninguém veja. Numa das cidades mais ricas ficam expostas fragilidades de governos corruptos e interesses privados.

Vemos ganhar força um discurso extraoficial, um discurso cotidiano, que sussurra pelas ruas o desejo de que se solucione o problema da miséria e da pobreza no país com o extermínio daqueles que “colocam em risco” a ordem higiênica e asséptica da cidade. No entanto, sabemos que não se trata de uma produção inerente a este acontecimento, mas que vem sendo forjada milimetricamente na história das populações e setores periféricos.

Nesta direção, se produz uma periferia marginal que se refere aos que vivem à margem de um sistema de produção político, social e econômico dominante em que passam cada vez mais a serem segregados material e afetivamente. Para estes setores são dirigidas outras formas de política marcadas por processos de exclusão, ou por uma inclusão diferenciada, se pensarmos que se trata de uma inserção que os coloca nesse lugar de uma vida que pouco vale.

As chuvas de Niterói, neste período, em especial, foram emblemáticas do modo como são tratados estes setores em termos de uma produção que articula a periferia a uma perspectiva marginal, cuja lógica é a da fabricação de vulnerabilidades, de descartabilidades e de mecanismos de segregação desta população. Nesta direção, a mídia dominante é uma potente máquina de produção de subjetividades em suas

mais diversas apropriações, como veremos mais adiante, a partir, igualmente, de outros analisadores.

### ***Juventudes periféricas, mídia e produção de subjetividade***

Coimbra (2001) afirma que, a partir da década de 1980, diversos jornais começam a veicular de forma mais enfática a violência nas cidades brasileiras. Explicitando uma série de exemplos de reportagens, a autora mostra que esse momento coincide com o do crescimento das cidades e, conseqüentemente, do desemprego e da expansão da pobreza. As camadas pobres passam a ser alvo mais intenso de políticas de governo e de Estado<sup>24</sup>, fato que evidencia que começavam a se tornar uma preocupação para a sociedade.

Tratava-se de uma população que se tornava, rapidamente, numerosa demais para ser assistida por práticas caritativas e, então, passava a ser enxergada como um problema crônico, especialmente pelo aumento do número de assaltos, furtos e roubos, associados à falta de condições financeiras atrelada ao desemprego (COIMBRA, 2001). A questão se reduziria à ausência de um emprego regular, deixando de lado todas as produções do sistema capitalista, que vão muito além da questão da empregabilidade.

Essa visibilidade acerca dos setores periféricos que torna o pobre potencialmente perigoso é intensificada pelos meios de comunicação de massa. Uma veiculação orientada por uma política de controle que produz e justifica, respectivamente, a necessidade de intervenções de natureza violenta de modo a forjar um estado de segurança que garanta a contenção do medo, sem que se perceba que esse medo também está sendo forjado.

---

<sup>24</sup> Usamos essa denominação entendendo que existe uma diferença entre políticas que denominamos de governo, de Estado e políticas públicas. A este respeito ver PASSOS; BENEVIDES, 2005.

Para fabricar armas é preciso fabricar inimigos. Para produzir inimigos é imperioso sustentar fantasmas. A manutenção desse alvoroço requer um dispendioso aparato e um batalhão de especialistas que, em segredo, tomam decisões em nosso nome. Eis o que nos dizem: para superarmos as ameaças domésticas precisamos de mais polícia, mais prisões, mais segurança privada e menos privacidade. Para enfrentar as ameaças globais precisamos de mais exércitos, mais serviços secretos e a suspensão temporária da nossa cidadania. Todos sabemos que o caminho verdadeiro tem que ser outro. Todos sabemos que esse outro caminho começaria pelo desejo de conhecermos melhor esses que, de um e de outro lado, aprendemos a chamar de “eles” (COUTO, 2011).

Isso que Mia Couto denomina como um desejo de conhecer melhor esses que aprendemos a chamar de outros, permeia as práticas que orientam os projetos que vêm sendo executados no ECG, onde é cotidiana a convocação para formas de sociabilidade que combatem esse fosso produzido entre o que se convencionou chamar de nós e o que denominamos de outro. Esse aspecto é fundamental na medida em que aliado a uma produção que associa as juventudes periféricas com o tráfico de drogas, especialmente, ganha força o discurso da criminalização em que esses jovens se tornam “eles”, reduzindo-os a estereótipos das mais diferentes ordens.

O estereótipo do bandido vai-se consumando na figura de um jovem negro, funkeiro, morador da favela, próximo do tráfico de drogas, vestido com tênis, boné, cordões, portador de algum sinal de orgulho ou de poder e de nenhum sinal de resignação ao desolador cenário de miséria e fome que o circunda. A mídia, a opinião pública destacam o seu cinismo, a sua afronta. São camelôs, flanelinhas, pivetes e estão em toda parte, até em supostos arrastões na praia. Não merecem respeito ou trégua, são sinais vivos, os instrumentos do medo e da vulnerabilidade, podem ser espancados, linchados, exterminados ou torturados. Quem ousar incluí-los na categoria cidadã estará formando fileiras com o caos e a desordem, e será também temido e execrado. [...] Está instaurado o terreno para o autoritarismo sem ditadura (MALAGUTI, 2003, p. 36).

Ora são tratados como algozes, ora como vítimas de um sistema falido, etéreo e incorpóreo. Saindo desta lógica binária, pudemos perceber que os jovens com quem estivemos em contato raramente falavam de situações vividas por eles que retratassem violências como estas. Em meio aos relatos de suas experiências, coexistiam formas de vida endurecidas pela rotina entre a criminalidade, a violência e a marginalidade social, mas também um viés estético entre redes potentes de subsistência, de laços afetivos e luta por construção de outros modos de vida nos territórios periféricos.

E vira e mexe, quando morria um conhecido nosso, minha mãe acordava de manhã cedo e levava a gente pra ver o corpo. Minha mãe sempre foi muito severa com a gente: “Tá vendo ali?”, aquilo tudo cheio de sangue e a gente era novinho e a gente não conseguia dormir. E ela: “Olha lá, olha lá! Sabe por que ele morreu, né? É boca de fumo, fazendo besteira.” . Mas nós vimos muito corpo, muito corpo... Vimos “os homens”<sup>25</sup> entrando aí, nós víamos tudo. Mas não tinha só coisa ruim não, tinha muita coisa boa. [...] muita coisa do que nós somos lá<sup>26</sup> hoje, a popularidade, as amizades, tem jornal, tem revista, os nossos amigos.. Muita coisa que acontece lá, o resultado é por causa da nossa vida que nós tivemos aqui na favela. Nós estamos mais preparados pro mundo do que muita gente lá. Eles não fazem nem ideia do que está acontecendo com o mundo. Então, eu sou muito grato de ter saído de onde eu saí pra onde eu estou agora. Mas muito bom, muito melhor, muito bom mesmo. A gente se divertia muito, a gente brincava muito, nós víamos coisas... a nossa diversão era totalmente diferente, por exemplo, [...] Um dia eu fui pra praia e um amigo meu estava dando salto mortal e eu perguntei: “Como é que dá essa parada aí?”, ele falou: “Vai lá, vai correndo, dá estrelinha e pula!”. Eu fui correndo, dei o mortal, dei umas duas rodadas no alto e pum! Caí em pezinho. E foi incrível. Uma vez eu fui na AABB<sup>27</sup>, as crianças com a minha idade aprendendo, com uns três professores assim, pura técnica. Eu falei: “Que que é isso!?”, entendeu? Essa diferença de morar na favela, da vida na favela pra uma vida fora. Porque a gente aprende muita coisa assim na “marra”, vai lá, aprende, faz e pronto. [...] Essa vida na favela, não sei, acho que a gente tem muito mais.. Não sei como falar... Nós somos mais ariscos, mais malandros com tudo...

Ser mais arisco encontra-se, então, referido a fazer uma distinção essencial entre, de um lado, uma perspectiva marginal de vida e, de outro, uma lógica minoritária que escapa aos processos de segregação próprios aos que vivem à margem de um sistema social. Uma diferença que aparece, por exemplo, no samba do compositor carioca, Bezerra da Silva quando em uma de suas canções ele diferencia: “Malandro é malandro, Mané é Mané”.

<sup>25</sup> Esta expressão se refere aos policiais militares.

<sup>26</sup> “Lá” se refere aos Estados Unidos, onde hoje ele e o irmão vivem e fazem o curso superior de música, com bolsa integral.

<sup>27</sup> Associação Atlética Banco do Brasil, que fica localizada no bairro de São Francisco, próximo à Grotta e costuma oferecer oficinas principalmente de esportes aos meninos que frequentam o ECG, especialmente por meio do projeto AABB Comunidade, que aconteceu, em alguns anos, em parceria com a ONG.

Assim, esta perspectiva marginal consiste numa das produções acerca das juventudes periféricas, se referindo a um discurso hegemônico que se constrói historicamente e enfatiza a pobreza e suas carências em detrimento de uma riqueza de outras produções, nesse sentido, minoritárias. A noção de minoritário aqui se refere a um desvio em meio à ordem dominante, ao discurso preeminente que cerca e homogeneiza os modos de vida contemporâneos.

As histórias e experiências vividas por esses jovens acentuam um jogo de gingas e manhas criadas e exercidas por eles nos seus embates, especialmente com as políticas de controle voltadas à juventude periférica. Dessa forma, denominamos o periférico como um termo que conjuga essa coexistência, potencializando outras produções possíveis no seio destes territórios.

Em meio a acontecimentos que fazem emergir as discussões acerca do que fazer com as periferias, vemos ganhar corpo, especialmente nos meios de comunicação de massa, notícias que associam os territórios periféricos apenas ao tráfico de drogas e à criminalidade.

No entanto, por meio das entrevistas que realizamos com eles e do contato com seus modos de se expressar, especialmente por meio de mídias alternativas, como blogs, redes sociais e redes de emails, ou ainda por meio de letras de música produzidas pelos próprios jovens, vemos circular uma série de outros discursos, que afirmam outras verdades, também minoritárias. São relatos que falam de outras experiências, que trazem à tona posicionamentos destoantes quanto à vida na periferia. Os meninos costumavam zombar do modo como eles tinham aparecido em reportagens de revistas e jornais de grande circulação no país, nos quais, mais de uma vez, se dizia que se não estivessem com o violino nas mãos, teriam um fuzil, e outras coisas do tipo. É o caso também das falas de alguns meninos com os quais conversamos que afirmam a supervalorização produzida pela mídia dominante acerca da criminalidade nas favelas.

Isso é supervalorizado, vocês sabem disso, né, cara? Isso é supervalorizado. Viver na favela é ótimo! Principalmente na infância. Pelo menos na minha, porque você tem tudo isso aqui pra desfrutar, sabe? Você não é preso por um portão ou uma porta ou o play de um prédio, que você só pode ir até aqui. Você tem isso aqui tudo, você pode fazer o que você quiser. Como eu estava dizendo, eu e meus amigos, o nosso corpo é cheio de cicatrizes, de brincadeira, tipo, correr... A gente era insano, tipo, no morro, altamente inclinado, tinha cafifa no alto que estava voando. O que a gente fazia? A gente vinha correndo e pulava um em cima do outro pra ver quem chegava primeiro, na ladeira. E descia morro abaixo. Chegava lá embaixo todo rasgado! Mas era demais! Então, são coisas que você não tem fora daqui, que você não tem. Fora outras brincadeiras que você poderia fazer.

Segundo Alvarenga Filho (2010), a narrativa midiática oferece ao público uma versão única da história, vendida como a verdade possível sobre os fatos. Ainda segundo o autor, no mercado globalizado das notícias, os discursos da mídia produzem certos processos de subjetivação que têm efeitos na produção social.

A grande mídia, regulada pelas mesmas regras do mercado e controlada por um grupo seleto de investidores privados (ALVARENGA FILHO, 2010), se depara com a rapidez e a facilidade dos avanços tecnológicos, especialmente a internet, na veiculação de informações que escapam aos interesses e ao controle da expressão e da difusão de opiniões, ideias, imagens, vídeos, etc.

O embate entre as forças que afirmam a criminalização ou o descarte de algumas vidas e aquelas que buscam afirmar outras subjetividades trazem à tona histórias de um país com interesses e projetos que diligenciam ora a inclusão, ora a exclusão de determinados setores sociais. As periferias colocam em questão um jogo de forças entre a criminalização da população empobrecida (uma produção dominante) e a criação de desvios em meio a essa produção cristalizada e cristalizadora. Tais desvios consistem o que estamos entendendo como resistências possíveis em meio à invenção de outros modos de existência nos territórios periféricos.

As falas dos meninos da Horta, embora eles privilegiem nos contar muito mais acerca da dimensão estética de viver na periferia, apontam, igualmente, que seus corpos encontram-se, de algum modo, marcados por uma política discriminatória perversa com nuances as mais diferenciadas. Nesta direção, observamos que o discurso do “não se deve discriminar” vai escondendo a força de uma sociedade que exerce cada vez mais disfarçadamente seus fascismos. Seja apelando a comentários em redes sociais ou em mesas de bar, vamos reafirmando tais discursos. Concomitante a isso, a vida pulsa na periferia e faz pulular outras subjetividades, que muitas vezes ficam condenadas a permanecer apenas em seus territórios, não ganhando visibilidade para além de suas “fronteiras”. Os meninos transformam essa política numa outra coisa, já que não permanecem nesse lugar de exclusão quando estabelecem uma relação inusitada com as forças que os marginalizam.

Quando eu era mais novo eu “encanava” quando não sentavam do meu lado no ônibus, quando trocavam de calçada quando eu estava andando, eu “encanava”. Hoje em dia, eu não estou nem aí, porque... Mas também não concordo com essa história de que ‘o hábito faz o monge’, ou seja, sua aparência conta mais do que o que você é. Não acredito nisso, por isso eu sou dessa forma. Porque só sabe quem eu sou quem me conhece. Se você é tão estúpido a ponto de me julgar pelo que você vê e não se dá ao trabalho de me conhecer quem perde é você porque eu sei que eu sou legal. [...] Pra gente é muito mais fácil acreditar nos outros. [...] A gente aqui já carrega uma marca sinistra, porque moramos em favela, somos pretos e pobres. Então, isso é uma marca que, assim, você carrega... É complicado, é complicado. Isso não determina nada. Eu convivi com isso muito tempo e muito tempo eu fiquei “bolado”. [...] Ixi! Já “leveei dura”<sup>28</sup> direto! [...] Eu sempre achei que as pessoas têm um preconceito velado, sabe?

O que se produz a respeito dessa juventude e dos territórios periféricos volta-se especialmente à criminalização destes segmentos, nos remetendo ao que Guattari e Rolnik (2005) denominam como produção de subjetividade. Entender a subjetividade como produção consiste em tirá-la do lugar cristalizado de que existe uma natureza humana.

<sup>28</sup> “Levar dura” se refere a uma gíria usada para denominar a abordagem ou revista da Polícia Militar no Rio de Janeiro.

Proponho, ao contrário, a ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida. As máquinas de produção da subjetividade variam. Em sistemas tradicionais, por exemplo, a subjetividade é fabricada por máquinas mais territorializadas, na escala de uma etnia, de uma corporação profissional, de uma casta. Já no sistema capitalístico, a produção é industrial e se dá em escala internacional (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 33).

A subjetividade como produção pode servir, por conseguinte, tanto às forças do controle, fabricando modos de pensar que se coadunam com a máquina capitalista, assim como pode também servir às forças de criação de tangentes que escapem às modulações do poder. O caráter fabril das subjetividades ajuda a pensar na pluralidade de forças que se configura neste jogo, o que não nos permite afirmar que, a respeito das juventudes periféricas, há apenas pobreza, captura e violações.

No ECG, alguns jovens vêm aprendendo a dominar recursos para confecção e edição de áudio e vídeo, em parceria com outra ONG atuante especificamente nessa área tecnológica. Antes desse curso, realizado no período noturno, não havia um material organizado ou com qualidade de som e imagem sobre o trabalho que vinha sendo feito na ECG, a não ser por reportagens jornalísticas, ou gravações amadoras com câmeras caseiras e de celulares. A partir desse encontro, alguns dos meninos começaram a montar vídeos e mostrar alguns ensaios, apresentações e, principalmente, um modo de falar da Grota e da ONG por meio do olhar que eles têm.

Muitos destes trabalhos, assumindo quase um viés desconstrutivista, não somente subvertem os protocolos normais do trânsito e fluxo de informações realizados em rede, discutindo questões que dizem respeito ao contexto e à estrutura específica da internet como, também, trazem à luz temas que no ciberespaço se tornam mais explícitos [...] (ARANTES, 2012).

Acompanhamos o início dessa empreitada e pudemos avaliar que, assim, cria-se a possibilidade de abertura de mostrar outra Grota. O uso dessa mídia alternativa, ainda muito prematura no ECG, mostra algumas astúcias que vão se desenvolvendo no entorno do aprendizado de música. Embora a ONG tenha como um de seus objetivos, atualmente, profissionalizar os meninos interessados em seguir essa carreira viabilizando que sejam professores na própria ONG, por exemplo, muitos

deles não estão ali por esse motivo. Percebe-se, então, no contato com o espaço e com a arte musical, que desdobramentos diversos emergem e fazem brotar outros braços ligados a esta prática. A produção artística contemporânea que se situa na interface com as mídias digitais retoma, de certa forma, essas estratégias de resistência, operando discursos críticos ao modo como a imprensa edita e gere as informações (ARANTES, 2012).

Assim, pensar a produção de subjetividade como anunciam Guattari e Rolnik (2005) nos serve também como ferramenta de luta, no sentido de poder desestabilizar as verdades construídas acerca das juventudes periféricas, uma verdade universalista e, logo, ilusória. Esse caráter que conecta produção de subjetividade a modos de viver específicos encontra-se presente nas discussões, fazeres e pensamentos que permeiam a Grotta e o ECG.

Reforçamos, então, a coexistência de forças marginalizadoras e criadoras no âmbito do que denominamos periferia. Trata-se de uma periferia criadora de subjetividades singulares que resistem aos modelos encapsuladores do poder através da invenção de meios de comunicar e afirmar outras dimensões da vida na periferia. Em meio ao discurso dominante que os coloca no lugar de um risco ou perigo iminente para a sociedade, fazendo com que fechemos o vidro do carro, mudemos de calçada ou de banco nos ônibus, eles também contrariam tais produções e encontram brechas para criar outro corpo e outras subjetividades acerca das juventudes periféricas.

### ***Juventudes periféricas e terceiro setor: uma nova filantropia?***

A partir do que vimos discutindo, gostaríamos, nesse momento, de nos ocupar do debate sobre a emergência e lugar das ONG's na construção das políticas sociais e públicas voltadas aos jovens no Brasil, buscando traçar como, historicamente, foi possível que tais políticas fossem operadas por um terceiro setor na economia.

Para dar início a essa discussão, no entanto, seria importante situar do que se trata esse campo que vem sendo denominado como social e que tem localizado a

atuação de muitas ONG's. Partindo da noção de que se trata de um campo de intervenções historicamente produzido, nos aliamos às análises que trazem a dimensão desta produção à tona, o que nos obriga a tirar do lugar a concepção de que o social se restringe às questões da pobreza, da miséria, da carência, da criminalidade, etc.

Sendo assim, podemos afirmar que, de um modo geral, o que legitima e define uma ação como social é o grau de desvio em relação à ordem vigente. Segundo Castel (1995), ao final do século XII, é possível localizar esboços do que seria uma *gestão racional da indigência* (CASTEL, 1995).

[...] é a partir do momento em que certos “disfuncionamentos” de uma sociedade não são mais regulados de uma maneira relativamente informal no tecido dessa sociedade que podemos falar de uma “problematização” do social. As relações sociais informais não são mais suficientes para resolver tais “disfunções” (SILVA, 2005, p.18).

Entretanto, ao longo da história, essa gestão se construiu de diversas formas. Van Balen (1983) afirma que até o século XVIII, as ações voltadas às camadas populares eram exercitadas principalmente pela Igreja, passando pelo discurso religioso da boa moral e do amor, questões que ainda atravessam muitos trabalhos realizados hoje no âmbito das ONG's. As práticas de caridade se voltavam, especialmente, para o atendimento às “disfuncionalidades” geradas pelo sistema capitalista em ascensão através de asilos, hospitais gerais, hospícios, prisões, abrigos para velhos e crianças, entre outros estabelecimentos com a finalidade de “socorrer o pobre” (VAN BALEN, 1983).

A partir do século XVIII, o predomínio da Igreja no encargo de ações caritativas passa a ser questionado. Isso porque, com o desenvolvimento do capitalismo, a caridade cristã já não dava conta de assistir aos sobrantes desse mercado, o que se tornava um perigo para a manutenção de tal sistema. Cria-se, então, a necessidade de uma outra forma de administrar essa população cada vez maior de “necessitados”.

Em vez de continuar mantendo os pobres e inválidos em casas fechadas, para mobilizá-los, é agora necessário reintegrá-los no processo de

produtividade da sociedade, ou seja, reintroduzi-los em circuitos produtivos. Há, portanto, toda uma problemática que é acompanhada de um deslocamento da moralidade para uma relação privada com a economia. A assistência não é considerada mais uma questão de moral ou de beneficência, mas tratada como uma questão política econômica do Estado. [...] Tornou-se do próprio interesse do Estado tomar conta da questão da assistência (VAN BALEN, 1983, p. 46-47).

Ao final do século XVIII, no entanto, apesar do desenvolvimento reacionário da política de assistência, o Estado recua e deixa a cargo das práticas de filantropia o encargo desta função.

De modo geral a filantropia se distingue qualitativamente na escolha de seus objetivos. Em vez de dar dons materiais, deve-se dar conselhos, pois não custam nada. Assistência às crianças, ao invés de assistência aos velhos, já que a longo prazo esse tipo de assistência tem um rendimento maior e evita gastos futuros. A caridade desconhece esse investimento na máquina social [...] O caridoso distribui consolo, enquanto o filantropo se ocupa dos estabelecimentos de ajuda para estudá-los, para determinar seu objetivo e oferecer os meios para atingi-los, ou melhor, a fim de analisar as melhorias possíveis no campo das observações, transformando-as mais cedo ou mais tarde em instituições (VAN BALEN, 1983, p. 59-60).

Dessa forma, assegurar às camadas populares uma tutela e também gestão de seus modos de vida garantia a manutenção da ordem na sociedade. Tais práticas neutralizavam possíveis rebeliões e também conservavam essa população nos liames da sobrevivência.

Segundo Passetti (1999), a partir do século XX, a assistência passa a ser gerida de modo mais consistente pelo Estado através do zelo por uma família monogâmica e estruturada.

A difusão da ideia de que a falta de família estruturada gestou os criminosos comuns e os ativistas políticos, também considerados criminosos, fez com que o Estado passasse a chamar para si as tarefas de educação, saúde e punição para crianças e adolescentes. Por isso é que desde os tempos dos imigrantes europeus – que formaram os primeiros contestadores políticos – até o dos migrantes nordestinos – que criaram os mais recentes líderes dos trabalhadores –, o Estado nunca deixou de intervir com o objetivo de conter a alegada delinquência latente nas pessoas pobres. Desta forma, a integração dos indivíduos na sociedade, desde a infância, passou a ser tarefa do Estado por meio de políticas sociais especiais destinadas às crianças e adolescentes provenientes de famílias desestruturadas, com o intuito de reduzir a delinquência e a criminalidade (PASSETTI, 1999, p.348).

No Brasil, ao final do século XX, vai se configurando no cenário social um redimensionamento das práticas acerca da assistência às crianças e aos jovens.

A partir dos anos 20, a caridade misericordiosa e privada praticada prioritariamente por instituições religiosas tanto nas capitais como nas pequenas cidades cede lugar às ações governamentais como políticas sociais. A sua expansão ocorrerá entre as duas ditaduras (Estado Novo, de 1937 a 1945 e a Ditadura Militar, de 1964 a 1984), quando aparecem os dois primeiros códigos de menores: o de 1927 e o de 1979. Todavia, com a restauração das eleições presidenciais e a retomada do regime político democrático – mesmo com as limitações impostas pelo voto obrigatório –, surge o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 13 de julho de 1990, pela lei nº 8.069. Uma nova dimensão da caridade será concretizada combinando, com especial equilíbrio, ações privadas e governamentais (PASSETTI, 1999, p. 350).

Ao longo das últimas duas décadas, em especial a partir do fim do regime militar, muitos movimentos sociais ganham força frente a uma série de áreas de atuação no campo social, ligados, principalmente, a movimentos pela redemocratização no Brasil.

Nota-se, nesse período, uma fragmentação e conseqüente especialização no que concerne à forma de lidar com problemas de natureza social. Proliferam-se agentes, entidades, ativistas, muitos dos quais extraídos dos movimentos ambientalistas, sindicais, feministas, étnicos e de gênero (LIMA, 2002, p. 90).

A promulgação do ECA, em 1990, no entanto, tentou produzir uma ruptura nessa lógica a partir da confecção de uma lei que abordasse o tema da infância e da juventude pela via dos direitos, previstos a partir da Constituição de 1988 e que colocava o Estado como mantenedor e prioritariamente garantidor desses direitos. O discurso do ECA, portanto, trava uma luta micropolítica, mesmo tantos anos após sua publicação, frente a toda uma produção histórica que situa a juventude periférica como potencialmente um risco social (NASCIMENTO; LACAZ; TRAVASSOS, 2010).

Em tempos neoliberais, a interferência do Estado mudou de funcionamento, diluindo-se por meio das ONGs, que acabam por se configurarem como braços do Estado nas práticas de controle. Neste outro modo de funcionamento, nos parece, ao contrário do que comumente se afirma a respeito da ausência do Estado na gestão das questões sociais, que o Estado cria e/ou faz alianças para melhor capilarizar as

ações deste aparelho.

O atendimento redimensionado aponta antes de tudo para o corte de custos governamentais nas áreas de atendimento social exigido pelas novas dimensões assumidas pela globalização. No caso de políticas sociais para crianças e adolescentes, o Estado dispensa parte dos funcionários especializados, como psicólogos, assistentes sociais, sociólogos, educadores de rua, sob o regime CLT, não concursados e com experiência, e com isso contribui para repassá-los às organizações não-governamentais. Estas, por sua vez, vão tomando a cena política na medida em que o ideário neoliberal ou liberal social, em linhas gerais, alinha-se ao Estado que reduziu seus investimentos sociais, num tempo em que em nome de uma maior liberdade de mercado, cresce a legitimidade das organizações da chamada sociedade civil (PASSETTI, 1999, p.367-368).

Quando nos referimos às ONGs, especialmente no Brasil, constatamos um campo heterogêneo, com posicionamentos extremamente divergentes em função da natureza das instituições que cada uma incorpora. Instituições que transitam entre aquelas posicionadas no campo da filantropia tradicional e, também, as referidas numa nova filantropia empresarial. Assiste-se, então, como aponta Passetti (1999), ao nascimento de uma nova filantropia pautada, predominantemente, em promover ações meramente compensatórias e que legitimam o esvaziamento do papel do Estado na área social.

Localizadas especialmente em áreas onde, muitas vezes, o único braço do Estado que chega é a polícia, as ONG's desenvolvem, em sua maioria, projetos voltados aos jovens moradores destes territórios, ainda numa perspectiva, predominantemente, de evitar que sejam capturados pelo mercado das drogas e pela criminalidade.

Seria o terceiro setor, uma possível saída mais transversal à dicotomia produzida entre as iniciativas públicas e privadas voltadas ao campo do social? Antes mesmo de nos debruçarmos sobre tal questão, vale marcar que sob a denominação do terceiro setor convergem instituições e práticas de natureza as mais diversas. LIMA (2002), a partir de pesquisa realizada pelas instituições Johns Hopkins University e o Instituto Superior de Estudos de Religião (Iser), analisando o crescimento deste setor no Brasil, afirma que dentre entidades, institutos, associações, fundações e organizações sem fins lucrativos estariam engajados, na época, cerca de 12 milhões

de voluntários assistindo aproximadamente 9 milhões de pessoas. Trata-se de um panorama preocupante quando pensamos que não se tem conhecimento claro do modo como esses serviços vêm sendo prestados e com qual finalidade.

Diferentemente desta direção e engrossando esta discussão, trazemos um trecho da entrevista com Félix Guattari fornecida a Antonio Lancetti e Maria Rita Kehl em 1990 para a revista Teoria e Debate, quando o psicanalista, perguntado acerca das políticas públicas e privadas que vinham sendo realizadas no Brasil, disse:

Acho que existe toda uma invenção institucional que implica a autonomização das entidades sociais e culturais, não através do mito da autogestão absoluta, mas de articulações com diferentes mercados. Por exemplo, os empreendimentos educacionais ou psiquiátricos deveriam escapar dessa espécie de dilema diabólico, entre a tutela burocrática do Estado, que é quase esterilizante (pelo menos na França), e a captura pela área privada. Há todo um terceiro setor instituído, de economia social, experimentação coletiva, que as novas formações políticas deveriam sustentar - o que significaria, da parte delas, renunciar à associação com tendências corporativistas que existem no movimento operário e entre os funcionários (GUATTARI, 1990).

Quando Guattari nomeia de terceiro setor uma perspectiva que coloca em análise esse dilema, entre de um lado a tutela burocrática do Estado e de outro a captura pelo campo privado, parece querer pensar uma espécie de terceira via que aponte para uma experimentação coletiva mais próxima de um paradigma ético-estético. Tratar-se-iam, segundo Lima (2002), quando coloca tal problemática atrelada às intervenções dirigidas a juventudes a partir deste paradigma,

[...] de práticas que portam uma ética, porque referendadas na criação de uma rede de sustentação baseada em alianças (políticas, institucionais, familiares, entre outras) capazes de abrigar os jovens que sofrem um contínuo processo de ruptura com o vínculo social. Também portam uma estética, porque tomam essa produção, histórica, de suscetibilidades das mais diferentes ordens (econômica, ocupacional, social, familiar e subjetiva) como matéria a ser transformada em atitudes e movimentos que intervenham nesse processo contemporâneo de subjetivação dominante, dando passagem ao novo, ao que advém (LIMA, 2002, p. 156).

Sabemos que trabalhos interessantes têm sido feitos pelas ONGs, mas, ao mesmo tempo, temos conhecimento da captura deste setor pela lógica mercadológica ou ainda pelo discurso filantrópico ou caritativo mesmo nos dias de hoje, o que leva

ares de empreendedorismo ou de assistencialismo<sup>29</sup> a estes espaços, tornando-os, em alguns casos, verdadeiras empresas à custa de questões sociais.

Em outros países, como é o caso de experiência relatada em congresso na Argentina<sup>30</sup>, as iniciativas que partem do Estado são compreendidas como verticais e pouco democráticas. Uma iniciativa é entendida como pública na medida em que pode ser executada e planejada sem as interferências do Estado, visto como uma via autoritária.

No Brasil, a discussão passa por um outro mote de questões. Geralmente, temos o hábito de cair no perigo de dividir tais políticas entre públicas e privadas, sendo as primeiras as que partem do Estado e as segundas as que são geridas por empresas ou corporações particulares. E, também, julgamos a não presença do Estado, geralmente, como descaso.

No entanto, sabemos que essa cisão entre público e privado é um falso problema na medida em que compreendemos que ambos os modos de construir e gerir determinadas políticas, sejam elas denominadas públicas ou privadas, são constituídos por forças que ora se conjugam de uma forma, ora trocam os seus lugares, coexistindo, ou, ainda, se fragmentando. Afirmando essa fragmentação/oposição/coexistência é que podemos acompanhar e compreender os diferentes modos de funcionamento das muitas ações que vêm sendo realizadas neste setor. Como anunciou Guattari (1990), há um terceiro setor que vem conseguindo construir trabalhos se articulando de forma democrática com as experiências da periferia. Em nosso país, essa construção tem apontado

---

<sup>29</sup> Importante ressaltar que quando tratamos de assistência e assistencialismo está clara para nós uma diferença fundamental entre estas duas práticas. Segundo Alayón (1995, p.48), “o assistencialismo é uma das atividades sociais que historicamente as classes dominantes implementaram para reduzir minimamente a miséria que geram e para perpetuar o sistema de exploração. Esta atividade foi e é realizada com matizes e particularidades, em consonância com os respectivos períodos históricos, em nível oficial e privado, por leigos e religiosos”, como vimos acerca das práticas filantrópicas e caritativas. O que temos denominado, portanto, de assistência, para este mesmo autor, “é assumida como direito inalienável da população explorada” (Ibid., p.48), o que define que tal prática tem um compromisso mais amplo com a garantia de direitos sociais e também com as causas geradoras dessa exploração.

<sup>30</sup> Trata-se do IX Congresso Internacional de Salud Mental y Derechos Humanos, que aconteceu na cidade de Buenos Aires no mês de novembro de 2011. Durante apresentação dos trabalhos onde outras experiências eram compartilhadas, pudemos perceber a diferença no entendimento e nas práticas que permeiam o que denominamos como políticas públicas.

características muito singulares:

No Brasil, com o início do regime militar, na década de 60, as atividades das ONGs não eram bem vistas pelas instâncias governamentais, devido aos trabalhos de assessoria a trabalhadores urbanos e rurais, em que se questionava a ordem vigente, e a prática buscava uma reflexão dos grupos sobre sua própria situação social. [...] As ações eram semiclandestinas e investiam na continuidade de trabalhos inseridos na linha da educação popular. [...] Por desenvolverem atividades de cunho social sem conotações lucrativas, as ONGs não geravam recursos financeiros próprios. A continuidade e execução dos trabalhos necessitavam de financiamento para a viabilidade material de sua efetivação. O acesso aos fundos públicos no país não estava disponível para estas instituições devido ao caráter de suas ações num regime marcadamente ditatorial (FRAGA, 2002, p.30).

Segundo Lima (2002), tratava-se principalmente de agentes imbuídos por ideias como as de autogestão, autonomia e flexibilidade organizativa. Desse modo, na condição de atores sociais, as ONGs buscavam independência do Estado, das Igrejas, dos partidos políticos e movimentos sociais, no sentido de assumirem “o papel de defensoras, formuladoras e propositoras de políticas públicas nas diferentes áreas temáticas em que atuam” (LIMA, 2002, p. 91).

No caso do Espaço Cultural da Grotta, constatamos que existe uma resistência da parte de alguns coordenadores em fazer com que a organização cresça, com o fim de evitar justamente que daqui a algum tempo se tornem uma organização empreendedora com base numa lógica empresarial. Podemos ver que, em meio a este impasse de ampliar ou não os projetos por eles desenvolvidos, vão se criando alternativas a um modo de crescimento pautado, unicamente, nos moldes capitalistas com seus valores competitivos, individualizantes e segregativos. Um dos efeitos dessa preocupação e desse cuidado faz com que o alcance de seus trabalhos se desdobre de forma que não altere propriamente o caráter provincial da ONG, mantendo, assim, sua história viva e presente.

*“A ONG foi a última coisa a surgir. veio pra gente se sustentar”. De 2/3 anos para cá é que o objetivo é profissionalizar pra música, antes era tirar os meninos da rua.*

Nessa perspectiva, manter esse caráter provincial corresponde, em certa medida, a

uma forma de resistência e uma estratégia de sustentação precária, a partir da qual conseguiam angariar alguns recursos que possibilitaram investir no espaço e na profissionalização dos meninos. Esse processo de efetiva profissionalização que começa a dar seus primeiros frutos se transforma, atualmente, para os coordenadores, em uma questão expressa na seguinte indagação: o que fazer com estes meninos que cresceram e, agora, se tornaram músicos? Este questionamento se apresenta como portador de uma extrema responsabilidade por parte dos fundadores e coordenadores da ONG que buscam, na feitura dos projetos construídos por eles, criar condições de trabalho aos meninos.

Um outro embate presente na ONG se refere a, de um lado, práticas caritativas que tomam o outro a partir de carências e, de outro, a necessidade de fazer valer o exercício de processos autônomos, uma questão que se tornou fundamental e que percorre as discussões e os afazeres da Grotá.

A ideia de produção de processos autônomos é compreendida por meio do que Guattari (2005) sinaliza, a saber, sobre a importância de engendrar uma função de autonomia nas formas de ser, pensar, sentir e viver o campo social. De acordo com o autor, tal função encontra-se plasmada nos mais diferentes domínios da vida social e se expressa no nível da produção de subjetividade. Todavia, para que essa função de autonomia possa se encarnar, terá que intervir basicamente em duas dimensões, ou seja, ela terá que criar os meios de focar, no caso do Espaço Cultural da Grotá, a problemática da juventude na sua relação com o campo social, assim como atentar para a sua especificidade no que se refere à natureza de seus projetos, que trazem como intercessores os campos da arte e a cultura e que abarcam e mesmo dão sustentação à proposta de formação que é dirigida aos seus jovens. Quando falamos de atentar a natureza singular de seus projetos artísticos e musicais seria extrair deles a dimensão própria a essa mistura entre música e periferia e o que ela inventa em termos de um devir periférico.

Compartilhamos, portanto, com Silva (2005), que isto que se tem denominado como social não constitui uma evidência, mas se compõe como um campo de forças de naturezas diversas.

Ao deixarmos de reduzir o social à mera noção de sociabilidade e passarmos a problematizá-lo a partir do conjunto de práticas que o constituem, podemos dizer que o próprio social cessa de ser um “objeto natural” entre outros. Quando deixamos de considerá-lo como uma evidência e passamos a constituí-lo como um problema, vemos que o social é essencialmente um objeto construído e produzido a partir de diferentes práticas humanas e que não cessa de se transformar ao longo do tempo (SILVA, 2005, p. 15).

Sendo assim, a compreensão do social como um campo unívoco de estudos, intervenções e especialismos dá lugar a uma multiplicidade de configurações. O social, tomado como o campo das carências e da pobreza, de um modo geral, passa, assim, a ser compreendido como um plano engendrado por diversas forças que se produzem, formando práticas de naturezas também diferentes.

Telles (2007) afirma que há mais do que uma malha de ilegalidades e carências em contraponto a uma cidade organizada e homogênea no arranjo de nossa sociedade. Existe uma trama que se faz nos entremeios dessa dualidade, compondo outros desenhos que resistem a essa configuração que ancora e baliza a lógica em que vivemos.

[...] é aqui que se situam os desafios. Entre, de um lado, os artefatos da “cidade global” e, de outro, os “pobres” e “excluídos” tipificados como público-alvo de políticas ou programas ditos de inserção social, há toda uma trama social que resta conhecer, que não cabe em modelos polares de análise pautados pelas noções de dualização social, que escapa às categorias utilizadas para a caracterização da pobreza urbana e que transborda por todos os lados do perímetro estreito dos “pontos críticos” de vulnerabilidade social identificados por indicadores sociais (TELLES, 2007, p. 198).

Podemos entender que Telles (2007) nos propõe repensar a noção de pobreza que, predominantemente, conceitua as práticas e pesquisas nesse campo, trazendo uma dimensão de produção que se dá na tecitura dessas malhas, isto é, para além dessa relação binária existe todo um campo micropolítico em que essas próprias polarizações são produzidas e que, nessa configuração, varrem junto para debaixo do tapete um plano de estratégias e composições que escapa a essa modulação.

Seria mesmo possível fazer um longo inventário de microcenos desses territórios atravessados por lógicas e circuitos que transbordam, por tudo e por todos os lados, as fronteiras do que é tomado com muita frequência por “universo da pobreza”. Tudo do que é muitas vezes sugerido pelos estudos sobre a pobreza urbana. E, sobretudo, inteiramente ao revés das figurações – construídas pelas políticas ditas de inserção social – de uma pobreza encapsulada em suas “comunidades” de referência e em suas carências da vida (TELLES, 2007, p. 168).

Sendo assim, o social, termo que engloba diversos campos de atuação, estudos e análises, pode sofrer uma inversão quando o pensamos a partir de um olhar micropolítico.

A partir destas análises, explicitaremos adiante um outro ponto de tensionamento que aparece nas falas dos jovens do ECG com relação ao que é ser um “menino de projeto” e que, dessa forma, coloca em questão alguns dos desdobramentos possíveis em suas vidas ao imergirem nesse universo das ONG’s.

### ***Juventudes periféricas: o que é ser menino de projeto?***

Uma das questões que atravessou muitas das conversas que tivemos com os meninos trata da interferência dos projetos sociais em suas vidas e das transformações produzidas quando passam a frequentá-los. A partir do contato com os jovens da Grota, buscamos colocar em análise os tensionamentos que compõem tais interferências e o que constitui “ser um menino de projeto”.

Pensando que se trata de uma produção a respeito das juventudes periféricas que estão inseridas em projetos sociais, percebemos que, ao mesmo tempo em que é possível que estes projetos criem um canal de invenção de outros modos de viver no contemporâneo, podem reafirmar a lógica de controle social sobre esses meninos ao ratificar sua posição marginal quanto a modos de viver e de ocupar a cidade.

Ser menino de projeto, muitas vezes, garante um lugar na organização social a estes jovens. Ao serem denominados como integrantes de um programa desta ordem, os meninos se descolam das produções de possíveis criminosos, meninos em risco social ou em vulnerabilidade, que são comumente referidas às juventudes periféricas, para serem reconhecidos como jovens em alinhamento com a ordem

social. Pudemos perceber que a participação no projeto cria para eles um lugar legítimo na sociedade que os desloca do lugar pejorativo de jovem, pobre, marginalizado. É como se os meninos se tornassem dignos a partir do momento que fazem parte de um projeto.

Quando a gente era menor, tomávamos “dura” a rodo aqui. Não tinha nenhuma desculpa. Tomava “dura” e ia pra casa e estava resolvido. Eles chegavam, esculachavam a gente. Depois do projeto, teve caso deles virem aqui, darem dura na gente e a gente falar: “Não, nós somos do projeto de música aqui.”. Aí eles: “Caramba! Aquele projeto de música maneiro? Pô, maneiro, admiro muito.” Tava safo.

O tratamento diferente dado pela polícia evidencia outra configuração de forças que compõe a vida de um menino que está num projeto social. Isso nos faz crer num rearranjo em que passa a ser possível para estes jovens viver na atual organização social com outras entradas. Não é à toa que algumas questões se tornam motivo de brincadeira para eles, mostrando uma inversão que os meninos fazem com a pobreza do que se produz sobre eles, como é o caso do modo como eles descrevem as situações em que eram abordados pela polícia.

Outros desdobramentos explicitados pelos meninos para indicar as transformações produzidas em suas vidas a partir do encontro com o projeto são: a profissionalização de muitos deles como músicos e professores de música, o deslocamento para os que nunca tinham saído de Niterói ou da Grota em passeios e viagens em função de apresentações ou concertos dentro e fora do país, os encontros entre jovens moradores dali que não se conheciam, a ida a eventos culturais, entre outros.

Eu não conhecia Niterói, não conhecia o Rio... [...] Eu não saía, ficava aqui o tempo inteiro. [...] E eu nunca imaginei que fosse sair da Grotá!

Mesmo vivendo dentro da cidade de Niterói, numa localidade pouco distante do centro, e ao lado de um dos bairros mais nobres da cidade, muitos meninos sequer tinham saído da Grota. Não se trata de um território isolado geograficamente, sem acesso a transporte ou comércio, mas podemos entender que a produção de um isolamento de outra ordem se dá nestes territórios.

É possível também que, na implantação de um projeto social, crie-se um canal de circulação entre o centro e a periferia<sup>31</sup> que permita a estes “meninos de projeto” transitar pela cidade. Nesse sentido, Novaes (2006) afirma que parte destes projetos cria uma diferenciação entre os jovens que vivem em territórios periféricos, dando maior visibilidade às áreas onde estes programas estão situados e tornando outras localidades cada vez mais invisíveis.

Os projetos sociais, dessa forma, podem produzir, como um de seus efeitos, a visibilidade do território em que eles se inserem, seja no sentido de tornarem públicas as violações de direitos que são recorrentes no trato com a população que vive nas periferias, como também para criar uma via de saída para os meninos, que, muitas vezes, ficam “guetificados” nesses territórios. No entanto, é importante ressaltar que essa visibilidade, geralmente, apenas ratifica tais territórios como violentos e empobrecidos, não dando abertura a outros discursos e produções.

Nesse caso, o acesso ou a aproximação com relação ao modo de vida dominante quando entram em um projeto não garante, necessariamente, uma integração, mas pode apenas manter estes jovens num lugar entre a marginalidade vivida nos territórios periféricos e a reprodução dos modelos sociais hegemônicos. Tem-se assim, como efeito, a possível conservação destes jovens numa relação limítrofe com a sociedade.

O menino do projeto também está no limite. Nem se é menino de rua, pivete, nem se é criança educada, bem-criada e de bons modos. Ficando-se assim no meio do caminho, no limiar entre um e outro, acaba por denunciar suas virtualidades, como sua “provável” natureza perigosa, solicitante ao

---

<sup>31</sup> Compreendemos esta separação entre centro e periferia que, muitas vezes, divide a cidade sob uma lógica binarizada, como uma produção histórica e útil ao capital. Desse modo, buscamos escapar da denominação das periferias como territórios de exclusão, mas as entendemos como inseridas em um sistema que funciona necessariamente com estes territórios tomando-os como parte de sua engrenagem, como explicitado anteriormente.

mesmo tempo de vigilância e proteção (TAVARES et al., 2011, p.101).

O menino de projeto, então, pode ser tratado como um jovem que está sendo “salvo”, se aproximando de uma concepção de “boa criança”, ao passo que quem não participa de um projeto social é visto e considerado como potencialmente mais perigoso e vulnerável. Nesse contexto, o projeto social serve mais como uma medida de controle sobre estes jovens, muitas vezes se fundamentando no discurso sobre a ocupação do tempo ocioso dos meninos, e menos como um laboratório de experiências que amplie as condições de escapes destas juventudes à produção que os encarcera num lugar marginal, ou seja, numa certa produção de “pobres dignos” (TAVARES et al., 2011).

Já aconteceu caso da gente estar andando aqui em Niterói, aqui em Niterói é mais forte porque a gente é daqui, e as pessoas reconhecerem a gente: “Você não é o menino da Grota que toca violino?”. Esse aqui (se referindo a outro jovem) o pessoal até pararam de correr dele na rua (risos). A gente zoava muito com isso nas nossas apresentações. [...] Tinha um momento na apresentação que a gente apresentava a orquestra toda e a gente falava: “Então, a próxima vez que você ver esse menino na rua não precisa correr dele não. Ele é dócil, está vendo?”. E todos riam. (sic)

Considerando essa fala, podemos pensar o quanto em nosso cotidiano ratificamos práticas discriminatórias e criminalizadoras da vida na periferia com base no que ela mostra e no que é mostrado sobre ela a partir de meios de comunicação que nada têm de imparciais, conforme tratado no subtítulo “Juventudes periféricas, mídia e produção de subjetividade” deste mesmo capítulo. A docilidade de que fala o jovem acima, em meio a uma brincadeira que aborda um tema tão perverso em nossa sociedade, mostra os efeitos de um corte que se estabelece quando estes jovens passam a integrar um projeto de música e, dessa forma, passam a indicar que, aos olhos do senso comum, eles não são mais “perigosos”. Por outro lado, é o canal que faz com que esses mesmos jovens possam zombar dessa produção que os criminaliza para dizer que existem desvios possíveis para tal encarceramento.

Nas demais falas dos jovens que entrevistamos e na convivência com o projeto, vimos se conjugarem ambas as interferências nas vidas dos meninos. Ao mesmo tempo em que tratam do ECG como uma espécie de trampolim para experimentarem um “fora da Grotta” e, concomitantemente, para a ampliação de experiências em suas vidas, eles não deixam de ser denominados, especialmente pela mídia, como meninos salvos da criminalidade e marginalidade, encapsulados na forma “meninos de projeto”.

Desse modo, trata-se, a todo instante, de um jogo que inclui forças majoritárias como a produção da mídia, o discurso acadêmico, o maquinário capitalista, mas também as redes solidárias dos moradores entre si e com os projetos existentes na região, a insistência em existir de outras maneiras, a viabilidade do uso das mídias como formas de expressão locais. Como os próprios jovens apontam, fazer parte de um projeto social pode funcionar como um dos antídotos à produção do isolamento, além de transformações de diferentes ordens em suas vidas, expressas na inauguração de laços afetivos, de amizade, de formação na arte musical, entre outras.

Em nossa experiência com o ECG, pudemos perceber que há uma coexistência de forças que criam, a todo instante, capturas e escapes à lógica dominante. Os jovens que se tornam meninos de projeto são atravessados e habitados por essa coexistência.

Para dar andamento a esta análise, trabalharemos a seguir com duas potentes questões que permearam nossa estada na ONG e emergiram ao longo do processo de pesquisa. Buscamos evidenciar os seus efeitos de mutação tanto nos projetos desenvolvidos pela ONG como na vida dos meninos. Essa análise será realizada a partir das noções de devir periférico e da arte como matéria-prima de trabalho.

## “A arte não serve para nada”: uma estética da existência

*A arte e nada mais que a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida (NIETZSCHE, 1974, p. 36).*

Não é tarefa fácil escrever sobre arte, especialmente a música. Na verdade, é quase incoerente tentar esboçar alguma explicação ou descrição sobre uma coisa tão abstrata. A arte, no encontro com nosso corpo, se torna singular à medida que pode produzir em nós coisas antes não experimentadas: às vezes uma pergunta, às vezes um acelerar do coração, às vezes uma lágrima, às vezes simplesmente nada...

A matéria-prima do nosso<sup>32</sup> trabalho é a arte no que ela comporta em termos de potência de fazer diferir nossos modos de estar no mundo, através da criação e do rompimento com as prescrições que hoje enquadram nossas vidas a modelos com fronteiras tão bem demarcadas. A música a gente não lê, não escreve, não fala. Nós escutamos e ela reverbera ou não em cada pedaço de gente que nos compõe.

Estamos entendendo aqui a arte como um potente instrumento de transformação dos modos de vida vigentes e a aposta dessa pesquisa esteve permeada por essa compreensão. Desviar-se dos olhos do poder foi se tornando tarefa cada vez mais difícil. Mas não impossível. Estando na Grota, misturando-nos às vidas dos meninos que circulavam pelo ECG, contatamos um modo de compor com a arte, que, quando não partilhada da lógica mercadológica a que os circuitos artísticos têm se rendido, faz brotar resistências.

Ao longo de tantas décadas, a máquina capitalista vestiu muitas capas e máscaras. Seu funcionamento, ao longo de tantos anos, foi se moldando às modificações da sociedade e, de certo modo, foi se flexibilizando. Mas não podemos nos deixar

---

<sup>32</sup>A matéria-prima do trabalho da Horta é a arte, mais especificamente, a arte musical. Assim, do ponto de vista de nossa pesquisa, essa matéria-prima, torna-se, por extensão também nossa quando nos misturamos a eles.

enganar e pensar que essa flexibilização se caracteriza por menos controle, mas sim pela vigilância permanente, que dispensa a externalidade de um sentinela a espreitar-nos, pois somos os sentinelas dos outros e de nós mesmos. Fica evidente, então, que entendemos a máquina capitalista como uma engrenagem que, muito além de um sistema econômico, produz um modo de viver e estar no mundo coerente com suas práticas.

Nesse sentido, o capital se alargou a tal ponto que:

Sob o slogan da liberalização converte as nações e seus povos e, mais especificamente, a vida em reféns das vicissitudes ondulatórias e libertinas da “serpente” denominada capital financeiro. Este, em suas estratégias de modulação operatória, se constitui imanente aos processos de produção e reprodução social da existência, tentando neutralizar as lutas, que tenham como critério ético-político a produção da existência como problematização do presente e do porvir (NEVES, 2002, p.49).

Portanto, o capital ultrapassou a dimensão material, deixando de se pautar prioritariamente em questões como a propriedade privada, os meios de produção e a mão de obra braçal, para funcionar cada vez mais numa dimensão virtualizada da produção. O capital financeiro passa a gerir toda sorte de movimentações no mercado, não dependendo da existência material do dinheiro. A máquina capitalista, então, se apropria de um campo imaterial, subjetivo e cada vez mais relacionado a produções invisíveis. Mais do que bens de consumo objetificáveis, vai produzir subjetividades que se aliem às suas forças no sentido de intensificar seu lucrativo sistema.

A banalização do consumo numa sociedade que vive a hegemonia de modos de subjetivação capitalísticos<sup>33</sup> não diz respeito apenas à enorme quantidade de apropriação e gasto com mercadorias, muitas vezes inutilizáveis em pouco tempo ou desnecessárias. Diz respeito principalmente ao consumo de bens imateriais, como a

---

<sup>33</sup> Guattari (2005) utiliza a expressão “capitalístico” em vez de capitalista, para denominar um modo de subjetivação, não um sistema homogêneo, mas dominante de produção. Nesse sentido, afirma que a produção de subjetividades foi capturada e é usada em prol de suas engrenagens. Quando falamos em capitalismo, corremos o risco de cair numa dicotomia ao dizer que a resistência ao poder do capital seria um outro sistema, tão global quanto e exterior à sua máquina. Dessa maneira, e entendendo que a vida resiste de dentro deste sistema de produção, priorizamos designar, nesta dissertação, que o capitalismo é constituído de forças diversas, incluindo aí, forças que o desestabilizam e afrontam seu funcionamento. Não compreendemos, portanto, o capitalismo como uma membrana que sufoca o mundo todo, mas sim como um emaranhado de forças de natureza diferentes.

informação, a arte e os pensamentos. Nos dias de hoje, compra-se quase tudo: o corpo que se quer ter, as agências que encontram o companheiro amoroso pela internet, não se tem mais que se relacionar com as pessoas pessoalmente, bastando manter contato pelas redes sociais e programas de conversa virtuais. As relações, para além do consumo, vão se tornando também menos palpáveis.

A arte consumível, a arte voltada a uma lógica mercadológica, foi capturada também por essa engrenagem. A universalização da arte e sua reprodução tornam-na útil ao capital, isto é, um bem como qualquer outro a ser consumido. Rolnik (2001) aponta para a separação produzida entre arte e vida no contemporâneo e afirma que na trama da máquina capitalista se trata de uma exploração invisível de um bem também invisível: a vida. Nesse sentido,

[...] é igualmente no invisível que deverão operar as artimanhas para combatê-la. A resistência, hoje, tende a não mais se situar por oposição à realidade vigente, numa suposta realidade paralela; seu alvo agora é o princípio que norteia o destino da criação, já que esta se tornou uma das principais, se não a principal, matéria prima do modo de produção atual (ROLNIK, 2001, p. 04).

Para isso, ainda segundo a autora,

A arte é um meio no qual tal estratégia incide com especial vigor, pois constitui um manancial privilegiado de potência criadora, ativa na subjetividade do artista e materializada em sua obra. Artistas são por princípio anômalos: subjetividades vulneráveis aos movimentos da vida, cuja obra é a cartografia singular dos estados sensíveis que sua deambulação pelo mundo mobiliza (ROLNIK, 2001, p. 04).

É importante lembrar, seguindo as análises de Arantes (2012), que os processos de resistência e crítica no mundo da arte não são recentes.

Entre os anos 70 e 80 uma série de artistas, dentro e fora do Brasil, começam a utilizar, de forma mais sistemática, os suportes imateriais de comunicação como recurso expressivo, estético e de crítica. [...] A proposta destes eventos foi a de ultrapassar a atitude tradicional e contemplativa em relação ao objeto artístico e à mídia de massa [...] (ARANTES, 2012).

Os movimentos de vanguarda na Europa, no início do século XX, e também os contraculturais, nas décadas de 60 e 70, foram marcados por experiências engajadas contra as institucionalizações da arte, da família, do trabalho, do mercado

e da vida, de um modo geral.

[...] chama a atenção no trabalho de muitos artistas na atualidade o que parece ser uma diluição das fronteiras entre arte e política, entre política e criação, entre arte e vida, fusões que já vinham sendo gestadas desde as vanguardas do começo do século XX e encontram hoje condições mais propícias para sua efetivação. A atualidade, por caracterizar-se exatamente pelo esgarçamento das fronteiras e pela proliferação dos híbridos, dá lugar a produções, onde arte e política são indissociáveis, embora de forma distinta de períodos anteriores (GONÇALVES, 2007, p. 05).

Tendo como matéria-prima de trabalho a arte musical, O ECG fez engrenar em sua história uma arte que não serve para nada<sup>34</sup>. Considerando esse sentido de inutilidade, analisamos, coletivamente, a natureza de seus embates frente aos modos de vida vigentes das juventudes periféricas. Embates que oscilam e materializam polos, não excludentes, da arte como produto para o mercado e da arte como processo de transformação dos modos de vida. Polos estes que também operam uma inversão: de uma periferia lançada em guetos de exclusão para uma periferia formada por redes potentes.

Na ultrapassagem desses dilemas, encontramos uma multiplicidade de vínculos, variações e peculiaridades estabelecidos por jovens num trabalho que sofre a intercessão da arte: espaço de convivência, de profissionalização, de socialização, do exercício do lúdico e da expansão de habilidades artísticas. Apropriando-se da arte como ferramenta na produção de novos campos de referência, nos deparamos com um projeto que tem como aposta a ativação de processos estéticos da/na vida, da criação de territórios subjetivos que se aliem às forças da multiplicidade e da diferença.

Desse modo, no mesmo sentido explorado por Caiafa (2000, p. 59), afirmamos que:

Assumir o fluxo da arte como único ou autônomo é de alguma forma se furtar ao grande impulso da arte e do pensamento: abrir o social para novas perspectivas por obra mesmo da expressão criadora. Criação entendida não apenas ou sobretudo como inovação num certo campo, produto pessoal de um certo autor. Num sentido forte, a criação começa quando há resistência.

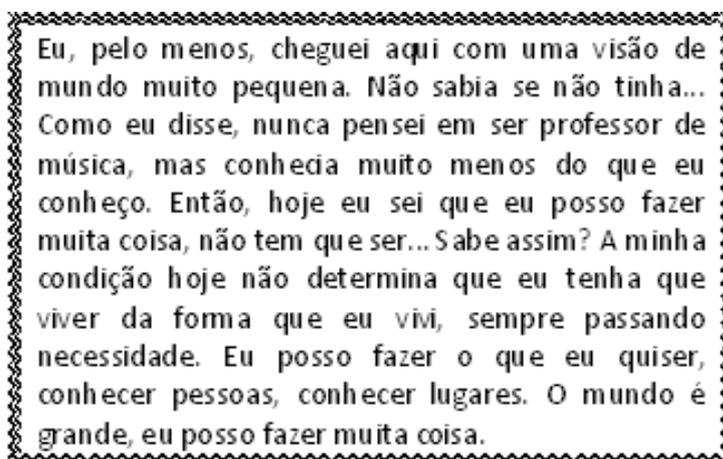
---

<sup>34</sup> Esta é uma fala que parte de um dos coordenadores do projeto e que aqui usamos como gancho para discutir a arte como ferramenta no jogo de forças entre poder e resistências.

Uma arte que não serve para nada é uma arte que não é útil à máquina capitalista, não está ao seu serviço, mas incita a processualidade inerente à criação de novas referências.

É precisamente porque a atitude que deve organizar a experiência é, no capitalismo, o consumo, que é necessário para ele criar uma recentidade cega e surda. Vale o último – ao mesmo tempo o mais recente e o mais encaixado. Cria-se uma precariedade onde a relação de consumo é a única cabível. Consumir implica ingressar nesse tempo sem densidade, espacializado na ordem social. A arte, ao contrário, vive na duração, como vimos. Ela não contesta um passado, mas um presente reacionário. O salto qualitativo não vem de se fazer diferente de alguém (que me precedeu ou não), mas de incorporar a diferença pura, a diferença ela mesma, diferenciar-se a cada passo e de si mesmo, evitando o universal e traçando sua linha (modesta, delgada, imperceptível) de criação (CAIAFA, 2000, p. 50-51).

Se o capital conseguiu produzir o que podemos chamar de uma miséria subjetiva através da aliança com as forças que cristalizam a vida e que constroem verdades confinadoras da potência de produção de subjetividades, o encontro com a arte pode, como afirmou a autora, fazer engrenar a produção de diferenças.



Eu, pelo menos, cheguei aqui com uma visão de mundo muito pequena. Não sabia se não tinha... Como eu disse, nunca pensei em ser professor de música, mas conhecia muito menos do que eu conheço. Então, hoje eu sei que eu posso fazer muita coisa, não tem que ser... Sabe assim? A minha condição hoje não determina que eu tenha que viver da forma que eu vivi, sempre passando necessidade. Eu posso fazer o que eu quiser, conhecer pessoas, conhecer lugares. O mundo é grande, eu posso fazer muita coisa.

Pensamos que na experiência que tivemos com os meninos da Grota, essa produção de diferença foi colocada em movimento. Nas reuniões com a direção e a coordenação, diversas falas faziam circular o discurso sobre a dificuldade que os projetos sociais e políticas públicas que trabalham com a arte têm para angariar recursos. Para viabilizar o andamento dos trabalhos, batalha-se ano a ano por investimentos, muitas vezes escassos e precários (tendo que lidar com atrasos da

verba, relatórios, prestação de contas, estatística, etc), sustentando-se por meio de projetos com validades que, geralmente, não ultrapassam doze meses.

*As pessoas querem o discurso objetivo e a arte é subjetiva. Serve pra quê? Circulam falas como: "eles achavam que a gente não servia para nada" ou "é difícil você convencer que um projeto é bom."*

Em meio a uma série de projetos voltados à profissionalização ou suposta inserção de jovens no mercado de trabalho, fornecendo aulas de informática, línguas estrangeiras ou cursos mais tecnicistas como para garçom, jardineiro ou outros serviços gerais, ainda algumas iniciativas resistem em não seguir esta ordem. Projetos que têm como perspectiva essa ideia de qualificação dos jovens costumam ter maior facilidade na briga por financiamento. Pudemos avaliar que ganhar destaque entre os demais como um projeto social que tem a arte como ferramenta de trabalho faz com que fissuras sejam produzidas na lógica dominante, rompendo com a noção de uma periferia que deve ficar no lugar onde está.

Como estes jovens vão viver de arte? Isso é política pública? Trabalhar com políticas públicas ligadas à arte no Brasil encontra dificuldades de inúmeras ordens. Desta forma, embora o trabalho da ONG hoje procure também profissionalizar os meninos especialmente como professores de música e que esta formação possa se configurar como um meio de sobrevivência, ela não consegue, por si só, se constituir como o trabalho principal para estes jovens que começam a ter que garantir seu próprio sustento. Assim, eles procuram outras fontes de renda como tocar em orquestras com remuneração maior, em casamentos, ou em outras festividades e eventos. Ainda que essas fontes de renda encontrem-se articuladas com o ofício de músico, em contrapartida, elas os retiram da possibilidade de assumirem outros compromissos e lugares que atualmente a ONG necessita. Tal problemática se acirra quando participam de uma instituição que se organiza de modo predominantemente voluntário.

A aproximação com a arte, nesse caso, pôde permitir, num mundo pautado pelo consumo, que a vida existisse de outras formas, persistindo no plantio de canteiros

em lugares onde parecia que nada poderia brotar. No entanto, por outro lado, percorre na ECG, especialmente, entre os monitores<sup>35</sup>, que se tornaram professores de música, uma tensão entre, de um lado, a profissionalização como uma finalidade primeira e, de outro, o exercício da arte musical como possibilitadora de um distanciamento estratégico que os afastam de uma ligação com a arte apenas em termos de utilidade. É como se o contato com a música os colocasse diante do mundo ora um tanto quanto desinteressados de seu caráter pragmático, ora endurecidos por necessitarem formalizar as relações entre trabalho e música. Encontrar essa coexistência, experimentada por eles de forma pouco pacífica, nos convoca a pensar sobre os perigos dessa profissionalização que coloca uma finalidade na arte.

### ***A profissionalização dos jovens: um convite à captura?***

Ser músico hoje no Brasil rende discussões acerca das oportunidades de trabalho no país. Se o mercado de trabalho, cada vez mais insípido, é hoje concorrido mesmo para aqueles que têm formação superior, cursos complementares e aparentemente bons currículos, é ainda mais comprimido para os artistas.

... tem 29 anos e vive de música. Perguntei como era isso, se era muito difícil. Ele disse que nunca ganhou menos que R\$ 1000,00 por mês e que não é tão difícil quanto se pensa (isso me espanta muito). Ele me disse que um professor de música do município, com duas matrículas ganha uns R\$ 3000,00. E que existem também as provas pras orquestras. E fala disso com muita tranquilidade. Nem eu tenho essa tranquilidade.

No caso do nosso campo de estudo, vimos o quanto desempenhar e desenvolver atividades marcadas pela interferência da arte e da cultura comporta de trabalho imaterial, já que, neste campo, não se trata apenas de executar tarefas, mas,

---

<sup>35</sup> Os monitores são os jovens do ECG que se tornaram mestres no ensino de música nas escolas públicas da cidade por meio do projeto Multiplicando Talentos, mencionado anteriormente.

sobretudo, concebê-las, criá-las. As matérias criadas produzem, por conseguinte, coisas imateriais: sons, ritmos, performances, imagens, serviços, incidindo sobre algo também imaterial: a subjetividade humana. Ao ampliarmos essa análise, assinalamos que a condição de trabalho imaterial, assim como o seu conteúdo e resultado, consiste, eminentemente, na própria produção de subjetividade que atravessa tanto o processo de trabalho como o seu produto. Nisso, conclui-se que o trabalho necessita da vida como nunca, e seu produto afeta a vida numa escala sem precedentes.

Segundo Negri e Hardt (2000, p. 48), “o papel central previamente ocupado pela força de trabalho de operários de fábrica na produção de mais-valia está sendo hoje preenchido, cada vez mais, por força de trabalho intelectual, imaterial e comunicativa”. Isto é, a produtividade vem sendo acoplada a uma dimensão que ultrapassa a fabricação de um produto mecanicamente produzido no interior de um estabelecimento industrial. Competências subjetivas vão entrando em cena e definindo as novas prioridades no cenário do mundo do trabalho.

Nem sempre foi assim. Até há algumas décadas atrás, a vida era uma coisa, o trabalho outra. Claro que uma disciplinarização do corpo nas diversas esferas da vida servia também às exigências da produção, mas eram esferas distintas, como foi dito acima: o sujeito passava de um tempo de trabalho para um tempo de lazer, do tempo do lazer para o do consumo, do tempo de consumir para o tempo de estudar, etc. Nas últimas décadas, a fronteira entre essas esferas se esfumaça. Já mencionamos alguns dos indícios dessa tendência, pelos quais o tempo de trabalho e o tempo de vida se misturam. Por um lado a vida ela mesma torna-se inteiramente trabalho, numa subsunção assustadora: leva-se o trabalho para casa, tudo é trabalho. Por outro lado o trabalho torna-se vital (claro que a referência aqui são certos setores de ponta, mas que indicam tendência), acionando dimensões da vida antes reservadas ao domínio exclusivo da arte ou da vida onírica privada (PELBART, 2000, p. 37).

O trabalho produtivo no Império vai deixando de ser constituído majoritariamente pela figura dos operários das fábricas, com horários e turnos demarcados, função limitada e competência específica para dar lugar ao trabalhador “imaneante”. Usando do discurso da flexibilização, vai exigindo cada vez mais tempo, competências intelectuais, afetivas e comunicativas. Essa virtualização do trabalho, anunciado por Deleuze (1992), pensando na lógica do Império pode, no entanto, corresponder também à dimensão que escapa aos seus próprios tentáculos.

Trabalhar com arte segundo essa dimensão de imaterialidade, portaria, igualmente, a potência de fazer diferir, no campo desta lógica de mercado de que somos reféns, dos domínios do controle. O trabalho com música e o trabalho da ONG não são diferentes nesse aspecto, ambos lidam com uma imaterialidade potente.

Estar na Horta tocando não tinha, para os meninos, nada a ver com trabalho, com dinheiro. Falavam sempre do espanto que foi para todos quando uma pessoa resolveu pagar por eles terem tocado um dia numa festa. Insistiam em afirmar que aquilo não era trabalho.

A gente tocava por diversão, brincando, zoando um com o outro. Sempre foi assim: uma palhaçada atrás da outra. Essa era a curtição. A gente ia pra qualquer lugar. [...] Até que teve uma vez que fomos tocar num lugar que seria pago. Nós nunca tínhamos ganhado dinheiro nenhum com música. Nem sabia que dava pra ganhar dinheiro. Tanto que quando a mulher quis pagar a gente, a gente não quis aceitar. [...] “Isso aqui não é trabalho”. [...] Porque a gente não sabia realmente que ganhava dinheiro com música. O barato era mesmo estar junto.

Era, para eles, diversão, um pretexto para estar juntos, “falar besteira”. O contágio que a música foi produzindo nesses meninos ia reverberando em seus corpos por meio da vontade de estar sempre na Horta, se encontrando, “fazendo um som”, mas aquilo não os remetia a uma relação de obrigação. Tornar-se músico foi secundário, foi um efeito desse processo.

[...] era uma vida normal, não tinha plano de nada, não tinha nada na cabeça. Até muito tempo depois que nós começamos a tocar o violino, era só obrigação, a gente não tinha plano de estudar... Sabe o que era engraçado que eu lembro até hoje? Começamos a tocar violino, o projeto começou a ficar mais conhecido, então começou a vir repórter aqui na Grotta. E o pessoal perguntava pra gente na entrevista com a câmera (?): "O que você vai querer ser quando crescer?". A gente com um violino na mão: "Pedreiro! Sei lá, ué..."; "Mas você não vai querer continuar na música?"; "Não!". A gente não fazia nem ideia. Tinha uns (isso aconteceu muito), o repórter falava assim pra gente: "Olha aqui: vou te perguntar isso e você vai falar isso.". Aconteceu muito. Até um tempo, a gente falava assim: "Não, não vou continuar na música não.". Mas a gente era novinho. Só pra ver que a gente não tinha ideal nenhum, não tinha plano nenhum de vida. Era uma vida normal de um menino da favela que vive as aventuras da favela. [...]

Muitos meninos chegaram à ONG por motivos diversos, que não estavam diretamente relacionados ao estudo de música. Há um prazer, uma vontade de estar ali, de frequentar aquele espaço, de fazer parte daquele grupo. Alguns por não terem mais o que fazer depois da escola, outros porque queriam não estar em casa. De uma forma ou outra chegaram à ONG e, por muitas vezes, sequer seguiram a carreira de música.

*De que modo, então, o contato com o ECG mudou a vida dos monitores e muda a dos meninos para quem eles ensinam? Não há um objetivo de que todos se profissionalizem, todos se tornem músicos, mas o contato com o projeto faz com que expandam suas vidas e entrem em contato com outras esferas do mundo que vivemos que talvez não chegariam até eles se não tivessem vivido a experiência de estar no ECG.*

Fica evidente que, neste sentido, forças que compõem a dimensão imaterial de um trabalho que tem a arte como matéria-prima, constituem as práticas e a história do ECG. Profissionalizar os meninos fica em segundo plano, sob esse aspecto.

Por outro lado, um dos efeitos do trabalho realizado na ONG se apresenta a partir de um dilema que aparece estampado e presente entre os monitores, como apontamos anteriormente, e consiste, de um lado, em traçar uma perspectiva artística que porta uma forma de trabalho pautada em valores coletivos e de ajuda mútuos e, de outro, que tende a garantir “nichos” de mercados relativos ao ofício de músico pautados na lógica do “cada um no seu quadrado”. Uma lógica que vem operando uma divisão, disputa e que coloca em risco a direção de construção de um projeto comum entre eles e que cria, por vezes, oposições binárias como a expressa por um dos jovens.

Eu acho que mesmo que não siga a carreira de músico, eles vão levar uma perspectiva de vida: tem uma saída, tem uma saída diferente, tem um mundo que dá pra explorar mais. E até mesmo ambição, entendeu? Porque depois que uma pessoa vem aqui e toca música e começa a ir nos lugares novos, ela pensa: perai, não vou ser pedreiro não. Mesmo que não seja música, vou fazer uma paradinha aqui que dá pra fazer um negocinho melhor do que pedreiro, né? Então, eu acho que mesmo que eles não sigam a música, eles já têm um passo na frente, têm uma chance, têm um caminho melhor do que... É isso que a gente aprende muito, é a nossa vida, é muito louca. Principalmente vindo aqui do projeto social, nós somos pobres, nós somos ricos, nós somos carentes... Uma vez a gente está aqui na Grota comendo arroz e feijão, na outra vez a gente está lá na Globo tocando pros artistas e eles pedindo pra tirar foto com a gente. Então, é aquela coisa, a gente sabe os dois...

Vê-se na fala deste jovem um risco de avaliar um processo de formação artística a partir da subtração e, mesmo, da desqualificação de outras formas de trabalho e vida. E mais, do perigo de tomar uma formação artística e cultural como restrita a certo padrão de sucesso, tornado um modelo único e válido para todos. Quando a ONG toma este caminho da profissionalização, se coloca exatamente nesta encruzilhada: acoplar o estar na Grota/Horta a tornar-se músico, a seguir uma carreira, pode apaziguar os devires minoritários de que vimos falando. Esse tensionamento também habita o ECG, respingando na invenção de resistências e tornando a arte um meio de inserção no mundo do trabalho, apaziguando, assim, a

força disruptora desse encontro.

Apesar de todos esses perigos, próprios ao modo de subjetivar dominante, encontrarmos tal dilema nos co-moveu imensamente, como se pôde discutir incansavelmente no grupo de pesquisa, sobretudo em um território constituído por uma população que, predominantemente, vive alijada dos serviços básicos como saúde e educação e também de políticas voltadas aos jovens, na sua grande maioria alvos da escassez de bens culturais e de lazer e que, além disso, não logram inserção no mercado de trabalho. Parte dessa co-moção deve-se à constatação de que, apesar de tantos obstáculos e disparidades, seus embates trazem a força de não sucumbir, de vez, à tentação crescente, aos valores individualistas, competitivos e de consumo apregoados nos modos de vida vigentes, força que resiste, altera e resgata, nas formas de trabalho por eles implementados, sua potência criadora.

A arte no ECG, assim, inventa resistências na medida em que consegue produzir rupturas no encontro com as vidas dos meninos que passam pelo espaço. Este encontro possibilita desmanchar fronteiras, desconstruir verdades e criar novos percursos para estas histórias, mais do que capturas. Como nos diz Lazzarato (2006, p. 256),

O acontecimento, a criação de possíveis, a invenção, como sabemos, suspendem as normas e as regras estabelecidas (na economia quanto no direito), ao se abrir ao vazio do acontecimento, ao indecível de sua atualização, e ao heterogêneo dos fins que podem ser realizados.

Sendo assim, o ensino da música assume uma função produtiva, para além da educativa, no sentido de fazer movimentar as cristalizações fabricadas sobre as juventudes periféricas. Estes jovens, no encontro com a ONG, criam novos sentidos e destinos, desatualizando os lugares a eles destinados de exclusão, pobreza e precariedade.

[...] todos produzem constantemente, mesmo aqueles que não estão vinculados ao processo produtivo. Produzir o novo é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é potência do homem comum. Cada variação, por minúscula que seja, ao propagar-se e ser imitada, torna-se quantidade social, e assim pode ensejar outras invenções e novas imitações, novas associações e novas formas de cooperação (PELBART, 2011, p.23)

Outras melodias são criadas por estes jovens, preenchendo suas vidas de potências. O som das cordas que sai da Grotta permeia de vida aquele espaço por meio da arte e do encontro dela com a periferia. Não é qualquer orquestra, mas sim uma orquestra constituída também por um devir periférico, conjugando, em meio à música clássica, batidas, cores, olhares, gingados e figuras de uma mistura também periférica e singular.

## Sem medo de concluir

*Podemos criar novos modos de ser que, a partir de uma postura ética e estética, convidem a vida a ultrapassar seus próprios limites passionais e morais, reencontrando a realidade do infinito em nós? (FUGANTI, 2008, p.16).*

Em geral, os trabalhos oriundos da área de humanas, especialmente no campo da psicologia social e institucional, têm receio em concluir suas teses, dissertações e trabalhos finais. Isso porque tem sido possível repensar muitas das produções perversas que a psicologia, historicamente e ainda nos dias de hoje, põe em funcionamento com práticas pouco colocadas em análise.

No entanto, nesta dissertação, entendendo-a como uma ferramenta de luta no meio acadêmico para afirmação de outras verdades possíveis no cenário que discute os modos de vida periféricos, queremos sim afirmar e concluir que é possível estar no mundo de outros modos. Provocados pela pergunta supracitada do Luiz Fuganti, nos vemos desconstruindo objetos idealizados e, nessa medida, entramos em contato com zonas (ou vácuos) e tempos (ou hiatos) de nossa autoprodução (FUGANTI, 2008). Isto é, quando deixamos de habitar as velhas formas deste mundo, nos desinvestimos da relação com uma existência pronta para criar novas referências. Afirmamos, com isso, o caráter permanentemente inacabado da vida, sempre se desconstruindo e construindo novos contornos.

Concluimos que a experiência que trouxemos aqui, tomada como um dispositivo de análise, se configura como uma espécie de laboratório social de experimentações singulares que, ao entrelaçarem educação, trabalho e arte, produzem práticas sociais inovadoras, tornando-se, portanto, referência para outras ações governamentais ou não governamentais que têm como foco crianças e jovens.

Em meio a um momento potente de lutas que tomam outras formas e articulam outros modos de resistir, os jovens que permearam esta pesquisa nos indicam

constantemente práticas de resistências criadas nos territórios periféricos. Resistências cotidianas, muitas vezes silenciosas ou silenciadas, ou ainda, marginalizadas. Esses jovens nos mostraram que outras coisas podem e devem ser ditas sobre a vida na periferia e afirmam, não só em suas falas, mas também em seus cotidianos e no exercício da arte musical, novas geografias sobre uma condição periférica que não pertence somente a um território marginalizado da cidade.

Quando resolvemos tratar, nesta pesquisa, de jovens que habitam territórios periféricos quisemos provocar um embate com as forças que situam, denominam e restringem tais territórios apenas como empobrecidos. Forças que caracterizam e afirmam o periférico como uma massa unívoca e homogênea. No encontro com essa periferia, pudemos avaliar que as tantas riquezas produzidas e criadas pelos jovens da Grota com os quais nos deparamos, nos impedem de designá-los como pobres. Os territórios periféricos são compostos por multiplicidades.

Afirmamos, portanto, que para além de toda produção perversa que encarcera as juventudes periféricas a universalismos, estes sim severamente pobres, existe um campo complexo de forças. O atravessamento da arte, o encontro com a música, os deslocamentos corporais e subjetivos possíveis são parte do que nos legitima a afirmar que desvios foram construídos na vida destes jovens. Desvios estes que colocam em xeque hegemonias do mundo em que vivemos.

O som da Grota era polifônico, nunca uníssono. Aos vários momentos em que entrevistávamos algum dos meninos, havia uma flauta ao fundo da gravação ou um violão que eles pegavam para dedilhar enquanto contavam suas histórias. Mas não são apenas essas as polifonias presentes nesta pesquisa. Encontramo-nos, no ECG, com modos de vida polifônicos, potencializados, muitas vezes, pelo encontro com a música e a arte.

Arrematamos esta pesquisa e a escrita desta dissertação com o sentido de inutilidade necessário à criação. Afinal, é desse nada, ou seja, da invenção de contratempos na lógica da hegemonia do capital, que tem sido possível combater e

produzir outras formas na vida. Ou, como disse o poeta Manoel de Barros (2010, p. 343): “Perder o nada é um empobrecimento”.

## Referência Bibliográfica

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

AGUIAR, Katia. No calor de um lugar: território, subjetividades e poder. **Fractal**: revista de Psicologia, Niterói, v. 21, n.3, p.581-598. set./dez. 2009.

ALAYÓN, Norberto. **Assistência e assistencialismo**: controle dos pobres ou erradicação da pobreza? 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

ALVARENGA FILHO, José Rodrigues de. **A chacina do PAN e a produção de vidas descartáveis na cidade do Rio de Janeiro**: “Não dá pé não tem pé nem cabeça. Não tem ninguém que mereça. Não tem coração que esqueça. 2010. 316 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

ARANTES, Priscila. Poéticas da resistência. **Trópico**, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2395,1.shl>>. Acesso em: 13 jan. 2012

ARAÚJO, Fábio. **Nota sobre o Ocupa Rio**. In: Tortura nunca mais, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.torturanuncamais-rj.org.br/Noticias.asp?Codnoticia=306>>. Acesso em 04 de mar. 2012.

BARROS, Manoel de. Desejar ser. In: \_\_\_\_\_. **Livro sobre nada**. Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

\_\_\_\_\_. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.

CAIAFA, Janice. **Nosso século XXI**: notas sobre arte, técnica e poderes. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 2000.

CASTEL, Robert. **Metamorfoses da questão social**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

COIMBRA, Cecília. **Operação Rio**: o mito das classes perigosas. Rio de Janeiro: Oficina do Autor; Niterói: Intertexto, 2001.

COUTO, Mia. **Murar o medo**. In: Conferências do Estoril, Portugal, 2011. Disponível em: <<http://ebooksgratis.com.br/informacao-e-cultura/papo-cabeca/papo-cabeca-murar-o-medo-%E2%80%93-mia-couto/>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... In: VASCONCELLOS, Jorge; FRAGOSO, Emanuel (Orgs.). **Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência**. Londrina: Ed. UEL, 1997. Disponível em: [www.lettras.ufrrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html](http://www.lettras.ufrrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html). Acesso em: 18 fev. 2011.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

\_\_\_\_\_; GUATTARI, Felix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2011.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. Direito de morte e poder sobre a vida. In: \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2010. p. 127-149.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RAINBOW, Paul. **Michel Foucault: uma Trajetória Filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 231-249.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGA, Paulo César Pontes. As ONG's e o espaço público. **Tempo Presença**, Rio de Janeiro, v. 02, p. 26-33, 2002.

FUGANTI, Luiz. **A ética como potência e a moral como servidão**. In: O estrangeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/51-a-etica-como-potencia-e-a-moral-como-servidao>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

\_\_\_\_\_. **Saúde, desejo e pensamento**. São Paulo: Aderaldo e Rothschild Editores, 2008.

GALEANO, Eduardo. O direito ao delírio. **Jornal Absoluto**. São Francisco do Sul, ano 13, mai. 2009. Disponível em: <<http://www.jornalabsoluto.com.br/detartigo.php?idartigo=2847>>. Acesso em: 15 de mar. 2012.

\_\_\_\_\_. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. Resistência nômade: arte, colaboração e novas formas de ativismo na Rede. **Compós**, Belo Horizonte, v 09, ago. 2007. p. 01-20. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/158/159>>. Acesso em 20 jan. 2012.

GUATTARI, Félix. Sociedade: Entrevista com Félix Guattari - A subjetivação subversiva. **Teoria e Debate**. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, n. 12, out., nov., dez. 1990. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/sociedade-entrevista-com-felix-guattari-sub>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. Políticas. In: \_\_\_\_\_; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. p. 149-238.

\_\_\_\_\_; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

HECKERT, Ana Lucia Coelho. **Narrativas de resistências**: Educação e política. 2004. 298 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

KLEIN, Naomi. **Nota sobre o Occupy Wall Street**. In: Brasil de fato, 2011. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/content/occupy-wall-street-coisa-mais-importante-do-mundo-hoje>. Acesso em: 04 mar. 2012

LAVRADOR, Maria Cristina. **Anotações**. Aula na disciplina Psicologia Institucional, do Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional, Vitória, 26 de maio de 2010.

LAZZARATO, Maurizio. Resistência e criação nos movimentos pós-socialistas. In: \_\_\_\_\_. **As Revoluções do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 203-263.

LIMA, Silvana Mendes. **Modos de subjetivação na condição de aprendiz**: uma análise de perspectivas educativas na composição Saúde, Trabalho e Arte. 2002. 169 f. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2002.

MALAGUTI, Vera. **O medo na cidade do Rio de Janeiro**: dois tempos de uma história. 1. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

NASCIMENTO, Maria Lívia; LACAZ, Alessandra Speranza; TRAVASSOS, Marilisa. Descompassos entre a lei e o cotidiano nos abrigos: percursos do ECA. **Aletheia** (ULBRA), v. 31, p. 16-25, 2010.

NEGRI, Antônio; HARDT, Michael. **Multidão**: guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

NEVES, Cláudia Abbês Baêta. **Interferir entre desejo e capital**. 2002. 166 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. São Paulo: Victor Civita, 1974. (Os Pensadores).

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 105-120.

PASSETTI, Edson. Crianças carentes e políticas públicas. In: PRIORI, Mary Del (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 347-375.

PASSOS, Eduardo; BENEVIDES, Regina. A humanização como dimensão pública das políticas de saúde. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 561-571, set. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S1413-81232005000300014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1413-81232005000300014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 14/10/2010.

PELBART, Peter Pál. Da claustrofobia contemporânea. In: **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000. p. 29-42.

\_\_\_\_\_. Vida nua, vida besta, uma vida. **Revista Trópico**, 2006. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl>>. Acesso em: 26/01/2012

\_\_\_\_\_. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PNDU - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Desenvolvimento Humano e IDH**. Brasil, 2012. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/IDH/DH.aspx>>. Acesso em: 12/01/2012.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; SOUZA, Vera Lúcia Batista de. A Análise Institucional e a Profissionalização do Psicólogo. In: KAMKHAGI, Vida Rachel; SAIDON, Osvaldo. (Orgs). **Análise Institucional no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987. p. 27-46.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

\_\_\_\_\_. Despachos no museu: sabe-se lá o que vai acontecer. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v.15, n.3, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, Rosane Neves da. A emergência do social. In: \_\_\_\_\_. **A Invenção da Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2005.

TAVARES, Gilead Marchezi et al. A produção de meninos de projeto e acontecimentos no percurso. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v.23, n.1, p. 94-102, 2011.

TELLES, Vera da Silva. Transitando na linha de sombra, tecendo as tramas da cidade (anotações inconclusas de uma pesquisa). In: OLIVEIRA, Francisco; RIZEK, Cibele Saliba. (Orgs.). **A era da indeterminação**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2007. p. 195-218.

VAN BALEN, Age D. J. A Ascensão do social. In: \_\_\_\_\_. **Disciplina e Controle da Sociedade: Análise do Discurso e da Prática Cotidiana**. São Paulo: Cortez, 1983. p. 41-66